

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

LUCINEIDE SOUZA DE MORAIS RIBEIRO

**A PERSONAGEM AMEDRONTADORA MAPINGUARI: SIMILARIDADES E
DISSIMILARIDADES ENTRE A VERSÃO TRADICIONAL E AS VERSÕES
INFANTIS**

PORTO VELHO
2024

LUCINEIDE SOUZA DE MORAIS RIBEIRO

**A PERSONAGEM AMEDRONTADORA MAPINGUARI: SIMILARIDADES E
DISSIMILARIDADES ENTRE A VERSÃO TRADICIONAL E AS VERSÕES
INFANTIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras, da Universidade Federal de Rondônia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Dr. Valdir Vegini

PORTO VELHO

2024

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

R484p Ribeiro, Lucineide Souza de Moraes.
A personagem amedrontadora mapinguari: similaridades e dissimilaridades entre a versão tradicional e as versões infantis / Lucineide Souza de Moraes Ribeiro. - Porto Velho, 2024.

71f.: il.

Orientação: Prof. Dr. Valdir Vegini.

Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras.
Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Mapinguari. 2. Cidade do Norte. 3. Narrativas. 4. Cultura. 5. Memória. I. Vegini, Valdir. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 80



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

LUCINEIDE SOUZA DE MORAIS RIBEIRO

A PERSONAGEM AMEDRONTADORA MAPINGUARI: Similaridades e Dissimilaridades entre a Versão Tradicional e as Versões Infantis

Dissertação apresentada em 19 de setembro de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Valdir Vegini, Presidente da Banca e Orientador (UNIR);

Professor Dr. João Carlos Gomes, Membro Interno ao Programa (UNIR);

Professor Dr. Fernando Simplício dos Santos, Membro Externo ao Programa (UNIR).



Documento assinado eletronicamente por **VALDIR VEGINI, Docente**, em 19/09/2023, às 22:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Simplício dos Santos, Usuário Externo**, em 20/09/2023, às 13:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOAO CARLOS GOMES, Coordenador(a)**, em 20/09/2023, às 23:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1489296** e o código CRC **DAB1BA8E**.

Agradecimentos

Gratidão a Deus pela minha existência e a fé que me fortalece a cada manhã e tornou esse sonho realidade. Minha família, meu esposo Jorge Evaldo e as filhas Brenda Laís e Ingrid Wanessa, minha mãe Maria das Graças Souza de Moraes (em memória), as minhas cunhadas que compraram o primeiro livro do Mapinguari Silvana Maia e Suelda Maia em Rio Branco-AC, minhas amigas que incentivaram a fazer o Mestrado Diana Fontes e Lilitia Moreno. O professor Dr. Valdir Vegini, meu orientador, que desde o início se mostrou um verdadeiro mestre e amigo. Obrigado pela sua paciência em me orientar e pela sua valiosa contribuição para esta tese. E aos membros da banca professor e Dr Fernando Simplício dos Santos e o professor Dr. João Carlos Gomes pela contribuição nesta tese. Aos meus amigos de Mestrado Maurício, Aldízio Lira, Lana, Antônio, Cleonice Miranda. Ao nosso querido amigo Pandran (em memória) e demais familiares, amigos e colegas que não resistiram à Covid-19, mas lutaram bravamente contra a doença que diminuiu mais ainda nos assola.

RESUMO

O objeto desta dissertação é constituído pela narrativa do Mapinguari. Tem como objetivo estudo de narrativas tradicionais da personagem amazônica Mapinguari, focado em suas similaridades e dissimilaridades em relação às versões infantis encontradas em pesquisa bibliográfica e documental, exploratória e fenomenológica. Para esses estudos, o trabalho tem por base as teorias de Bruner (1991; 1997), Ferreira Netto (2008), Laraia (2003), entre outros. Para constituir o corpus de análise das narrativas desta pesquisa, foram selecionados quatro livros sobre a personagem Mapinguari, *O Mapinguari uma narrativa tradicional* escrito por Luís da Câmara Cascudo (2002), que durante suas viagens, adquiriu uma imensa riqueza: as histórias tradicionais, dentre elas a do Mapinguari um ser incrível animal o Mapinguari, semelhante ao humano, todo peludo, de pés em forma de garrafas e com garras afiadas, inimigo do homem os aterrorizam, ele devora suas cabeças com prazer. E outros três homônimas, *A lenda de Enilson Amorim* (2009), a narrativa de um menino índio que, devido à desobediência, foi acometido por uma intrigante maldição relacionada ao sono dos espíritos da água, transformado em Mapinguari, ele deve fazer uma boa ação para que essa maldição seja quebrada, uma vez quebrada, o pequeno Manauá voltará à forma humana. E a obra *Cléo e o Mapinguari* de Saulos Ribas e Xavier Bartarburu (2013), essa narrativa é de uma criança Mapinguari chamada Pingo, solicitado na cidade entre pessoas, trânsito, escolas, o Mapinguari é solicitado, uma menina chamada Cleo, junto com seu amiguinho Tom, eles ajudaram o Mapinguari a voltar para a floresta e encontraram seu pai, o grande Mapinguari, uma criatura terrível, mas tão carinhosa com o filho que não podia ter medo dele. A narrativa de Rachel de Queiroz (1989), *O Mapinguari* é um bicho pouco falado, tem formato de caboclo gigante com pés abertos e braços grandes, Mapinguari adora carne crua, sua comida preferida é gente, só come macaco sem ela, peixe de couro. Ao caçar, imita os cantos dos pássaros e as vozes humanas em forma de gritos fininhos. Essas narrativas serão utilizadas com a finalidade de verificar a similaridade e dissimilaridade.

Palavras-chave: Mapinguari; Estado e Cidades do Norte; Narrativas; Cultura; Memória.

ABSTRACT

The object of this dissertation is constituted by the Mapinguari narrative. It aims to study traditional narratives of the Amazonian character Mapinguari, focusing on their similarities and dissimilarities in relation to children's versions found in bibliographical, documentary, exploratory and phenomenological research. For these studies, the work is based on the theories of Bruner (1991, 1997), Ferreira Netto (2008), Laraia (2003), among others. To compose the corpus of analysis of the narratives of this research, four books about the Mapinguari character were selected, "O Mapinguari" a traditional narrative written by Luís da Câmara Cascudo (2002), who during his travels acquired an immense wealth: the traditional stories, among they are the Mapinguari an incredible animal being the Mapinguari, similar to the human, all hairy, with feet in the shape of bottles and with sharp claws, enemy of man they are terrified, he devours their heads with pleasure. And three others with the same name, "A lenda" of Enilson Amorim (2009), the narrative of an indigenous boy who, due to disobedience, was affected by an intriguing curse related to the sleep of water spirits, transformed into Mapinguari, he must do a good deed for this curse to be broken, once broken, little Manauá will return to human form. And the work "Cléo e o Mapinguari" by Saulos Ribas and Xavier Bartarburu (2013), this narrative is of a Mapinguari child called Pingo, requested in the city among people, traffic, schools, the Mapinguari is requested, a girl called Cleo, along with her little friend Tom, they helped the Mapinguari return to the forest and find his father, the great Mapinguari, a terrible creature, but so affectionate with his son that he could not be afraid of him. "The narrative" by Rachel de Queiroz (1989), the Mapinguari is a less talked about animal, it has the shape of a giant caboclo with open feet and large arms, Mapinguari loves raw meat, its favourite food is people, it only eats monkeys without it, leather fish. When hunting, he imitates bird calls and human voices in the form of thin screams. These narratives will be used to verify the similarity and differences.

Keywords: Mapinguari; Northern State and Cities; Narratives; Culture; Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 UM BREVE HISTÓRICO	8
1.1 Rondônia	9
1.2 Guajará Mirim	11
1.3 Acre	20
1.3.1 Cultura Acriana	21
1.4 Amazonas	23
1.5 Parintins	24
1.6 Mapinguari: fenômeno regional e cultura de um povo	26
2 APORTE TEÓRICO	30
2.1 Narrativas: um ato de viver o passado na imaginação	30
2.1.1 As dez características das narrativas, segundo Bruner	30
2.2. Memória, cultura e Identidade	35
2.2.1 A memória humana	35
2.2.2 Memória Individual, Coletiva e Histórica	36
2.3 Cultura: um balanço histórico	38
2.3.1 A cultura humana	38
3 MÉTODOS E TÉCNICAS	42
3.1 Método	42
3.1.1 O método e tipo de pesquisa	42
3.2 Técnicas e procedimentos	43
3.2.1 Pesquisa bibliográfica	43
3.2.2 Etapa da coleta de dados	44
4 ANÁLISES E DISCUSSÕES	45
4.1 Composicionalidade Hermenêutica	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	55

INTRODUÇÃO

Um breve histórico da natureza do Mapinguari, fenômeno que ocupa diferentes espaços da cultura regional a todo momento, influenciando a cultura e a vivência social de um povo, busca compreender as narrativas dessa personagem em localizações geográficas da região amazônica. Para que essa pesquisa ocorra é delineado aqui o meu percurso acadêmico e a minha curiosidade pela pesquisa científica, abordando a personagem Mapinguari tradicional representada na literatura local, na qual verificaremos os traços similares e dissimilares entre esse ente tradicional e seus homônimos infantis. Esse interesse surgiu em 2018, momento em que a Prefeitura do Município de Porto Velho iniciou uma formação para incentivar e ensinar algumas técnicas para fazer o projeto de Mestrado em parceria com a Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Através da observação de narrativas na escola, percebi que poucos alunos conhecem a história do personagem Mapinguari, a aparição desses personagens é bastante rara na escola e na literatura, principalmente quando são apresentados ao mundo. Conte-me a narrativa do personagem Mapinguari no livro de lendas¹ infantis, que imediatamente chamou a atenção desta pesquisadora foi a temática. Com este livro que recebi de minha cunhada que mora em Rio Branco Acre, foi criada a justificativa para a construção deste estudo, pois salvo maior engano não há muitos relatos ou referências a histórias infantis sobre esse personagem no tradicional e na versão infantil e seu suplemento narrativo, que o fundamenta, bem como a valorização da cultura e das narrativas amazônicas, para a sociedade, especialmente a imagem do “personagem assustador Mapinguari”, um tema de particular interesse para os leitores.

A vinculação deste estudo se faz com a linha de pesquisa 2: “Estudo de Diversidade Cultural”, a qual propõe o estudo de linguagens e culturas dentro do espaço amazônico brasileiro, bem como ao Grupo de Pesquisa Narrativas. Linguajar Rondoniense [NLR] (2016-2020), que originou o interesse pelas narrativas e pela

¹ A partir de agora, em vez da palavra lenda, definitivamente, será usado a palavra narrativa.

memória. Atualmente, o Grupo de Pesquisa é constituído pelos seguintes membros: Prof. Dr. Valdir Vegini (pesquisador/coordenador e líder do Grupo de Pesquisa NLR/UNIR), Me. Rebecca Louize da Silva Vegini (pesquisadora/vice-coordenadora e vice-líder do Grupo de Pesquisa Sapiens) e por pesquisadores voluntários entre os quais estão Mauricio Neves Santos, Alexy Rodrigo Lima da Silva, Alini Silva Ribeiro Moraes, Josiane Brunhago Saukio, Lívia Samila de Oliveira Pinto, Sâmela Fernandes da Costa, Regina Celia Nareci, Herta Maria de Açucena do N. Soeiro e Lucineide Souza de Moraes Ribeiro² (todos, orientandos do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR e alunos de graduação do curso de Letras/Português da UNIR).

Justifico esta escolha com o desejo de conhecer as histórias tradicionais do Mapinguari e seus homônimos, vivenciadas por pessoas que vivem em diferentes cidades ou Estado da Região Norte, a partir da valorização cultural de um determinado grupo.

O objeto do estudo foi o estudo de narrativas tradicionais do personagem Mapinguari amazônico, enfocando suas dissimilaridades e dissimilaridades com as versões infantis encontradas em pesquisa bibliográfica e documental. até onde chega ao nosso conhecimento, esse viés científico ainda não foi explorado em escala acadêmica até o início de nossa pesquisa

Como hipóteses desta pesquisa, é pressuposto que a personagem Mapinguari tradicional habita na floresta amazônica, tem hábito diurnos, fascínio inveterado pelo sangue e a cabeça de suas vítimas. No traçado referido, procura-se responder à seguinte pergunta: suponho que os autores de narrativas infanto-juvenis buscam no Mapinguari características que não sejam perversas, vorazes, maldosas ou sanguinárias na literatura adequada ao público infantil?

O objetivo geral analisar, investigar e comparar a similaridade e dissimilaridade, neste dois corpus, por meio da narrativa de nível alto e de nível baixo de Netto (2008) e as dez características de Bruner (1991).

Os objetivos específicos, são definir, compreender os conceitos de narrativa, memória e cultura que pode ser obtida com base nas bibliografias atuais e dos estudos

² Lucineide Souza de Moraes Ribeiro, aluna do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras-UNIR.

de autores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras, além de outros autores de referência.

Comparar as narrativas do Mapinguari encontradas nos ambientes amazônicos de Rondônia, Acre e Amazonas, destacando as similaridades e dissimilaridades em termos de elementos narrativos, como personagens, enredo, cenários e valores culturais retratados.

Investigar as variações regionais nas narrativas do Mapinguari em cidades e estados de Rondônia, Acre e Amazonas, relacionando essas diferenças com as particularidades culturais e históricas de cada região, a fim de compreender como o contexto local influencia na construção dessas narrativas tradicionais.

Para que a pesquisa pudesse ser iniciada, adotou-se como método de trabalho o etnolinguístico, baseado no pensamento de Chauí (2005). No que diz respeito aos métodos, outras abordagens foram utilizadas como: a bibliográfica, a exploratória e a documental, descritas por Severino (2013) e Gil (2008). O processo de elaboração do corpus da pesquisa foi restrito a apenas três narrativas. É interessante ressaltar que essas narrativas sobre a personagem Mapinguari, um original o Mapinguari baseado em Cascudo (2010), e outros três homônimos, adaptados para o público infantil, A lenda (2009), de Enilson Amorim e a obra *Cléo e o Mapinguari*, de Saulos Ribas e Xavier Bartarburu (2013), e o Mapinguari de Rachel de Queiroz (1989).

Esta dissertação de Mestrado está estruturada com introdução, seguida de quatro capítulos; o primeiro capítulo apresenta a contextualização das cidades onde está localizada a cultura do personagem Mapinguari, fazendo uma investigação dessa cultura em suas respectivas cidades e ou estados da região norte. A Vila Custódio Freire no Acre, Guajará Mirim-RO e Parintins-AM.

No segundo capítulo, foi feito o levantamento bibliográfico, dividindo-o em três subseções. A primeira subseção é destinada ao conceito de narrativas e da construção da realidade na linha bruneriana e ao nível baixo e alto de Ferreira Netto (2008, p. 52-72), a partir das características apontadas por Bruner (1991, p. 5-18). A segunda subseção é destinada à definição da memória, em um conceito geral. A terceira subseção é dedicada à definição de cultura e seus desdobramentos.

No terceiro capítulo, estão expressos os procedimentos metodológicos e as técnicas utilizadas para construção da pesquisa e do *corpus* deste trabalho. Foram utilizados como metodologia a etnolinguística, descrita no pensamento de Chauí

(2005). Além desses métodos, foram aplicados outros tipos de abordagens de pesquisa, como: bibliográfica, exploratória e a documental e fenomenológica.

O Capítulo quatro é destinado à análise do corpus e suas implicações dentro do referencial teórico, estabelecendo um diálogo entre teoria e as três narrativas da personagem Mapinguari. Ao cotejar as narrativas do Mapinguari, foi possível perceber características que foram propostas na pesquisa

No último tópico são retomados os objetivos formulados no início da dissertação e apresentados os resultados obtidos, assim como as principais conclusões ou considerações que serão extraídas da pesquisa realizada.

1 UM BREVE HISTÓRICO

Por mais diferenças que possam existir entre os países, todos partilham processos históricos comuns e contêm importantes semelhanças em sua existência social (Santos, 2006, p.39).

Entre os escritores dessa pesquisa, Cascudo é um dos escritores de fundamental importância nesta pesquisa. Luís da Câmara Cascudo (2018, p. 151) tinha como riqueza as histórias tradicionais. Escritor desde jovem, era interessado pela cultura do país, escreveu mais de 150 livros, em seu livro *Dicionário do folclore brasileiro*, cita vários elementos da cultura popular brasileira, entre eles o Mapinguari: animal fabuloso, assemelhando-se ao homem, todo cabeludo, de pés em forma de garrafas, e garras afiadas, inimigo dos homens levando para eles medo, a quem devora com prazer a cabeça.

O autor Enilson Amorim (2009, p. 26) escreveu o livro *Mapinguari A lenda* em 2009. O escritor nasceu em 1976, em Rio Branco, Acre, filho de imigrantes nordestinos, revelou-se um ótimo pintor e mais tarde, ilustrador. Aos 30 anos nos presenteou com esta obra voltada para crianças e adolescentes, certa vez alguém lhe perguntou se gostava do que fazia, e ele respondeu: “Às vezes acho que em minhas veias em lugar de sangue deve correr tinta.” Ele escreveu a narrativa de duas crianças indígenas, que por desobediência ao cacique da tribo um se transformou em Mapinguari e para que a maldição fosse quebrada ele teria que fazer algo bom. Certo dia uns homens maus estavam destruindo a natureza e suas riquezas, Mapinguari surgiu e espantou todos eles, a maldição foi quebrada e o Mapinguari se transformou em um belo índio.

Os autores Saulo Ribas e Bartaburu Xavier com o livro *Cléo e o Mapinguari* de 2013. Saulo Ribas (2013, p.46), trabalhou como design de revista, produziu jogos, histórias e ilustrações para crianças, recentemente está criando desenhos animados, jogos e livros. Xavier Bartaburu, (2013, p. 46), nasceu em São Paulo e vive na cidade, escritor de livros que retratam as coisas boas do Brasil, como os bichos, nosso povo, e nossos encantados. Eles escreveram a narrativa dos encantados, entre eles a menina Cleo era a Cuca, o menino Tom, o curupira e o Pingo, o Mapinguari. Os dois encantados, Tom e Cleo, viviam na cidade. Uma menina com o nome Cleo, que tem

rabo de jacaré, ela tinha vergonha de ser assim então era solitária, certa vez embaixo de uma árvore ela viu uma criatura enorme, peluda de aparência assustadora, um filhote de Mapinguari, os dois se tornaram amigos, eles conheceram um encantado chamado Tom que era um Curupira e os três estavam pensando em um meio de ajudar o Mapinguari a voltar para a floresta. E assim aconteceu, Pingo, o Mapinguari criança encontrou seus pais na floresta e Cleo e Tom voltaram para a cidade e na escola, mostraram que eram diferentes e descobriram que havia outras crianças que também eram diferentes.

A escritora Rachel de Queiroz (1910-2023) foi escritora brasileira, jornalista, tradutora e teatróloga, a primeira mulher a entrar para a academia Brasileira de Letras com apenas vinte anos, se projetou na vida literária do país através da publicação do seu primeiro romance “O quinze”, que ganhou o prêmio da Fundação Graça Aranha. Em 1940, Rachel casou se com o médico Oyama de Macedo, com quem viveu até 1982, ano que ficou viúva

Em uma obra reunida em Mapinguari, Lampião e A Beata Maria do Egito (1989, p. 3), Queiroz narra que as pessoas em noite, a lua cheia no quintal deles lembra narrativas da Amazônia, como as clássicas narrativas do boto, do curupira e de um bicho amedrontador Mapinguari; bicho não, o Mapinguari que toma forma de caboclo gigante, com pés abertos, e braços longos, o Mapinguari gosta de carne crua, sua comida preferida são os humanos, só come peixe de couro e macaco se não tive a carne humana. Ao caçar, imita o canto dos pássaros e dos humanos na forma de pequenos chamados.

Essa narrativa permitirá, descrever, ainda que parcialmente, a cultura e a identidade das pessoas que moram nas cidades e Estados, Acre/Vila Custódio, Rondônia/Guajará Mirim e Amazonas/Parintins. Uma vez que, ao narrar, o sujeito organiza sua experiência e constrói sua realidade. É em função disso que esta dissertação se sustenta na pesquisa bibliográfica exploratória e documental.

1.1 Rondônia

Segundo Lima (1969, p.13) o Território Federal de Rondônia foi criado pelo Decreto nº 5.812 de 13 de setembro de 1943 com a denominação de Guaporé, posteriormente alterado para Rondônia em 17 de fevereiro de 1976 pela Lei nº 21.731

em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. O território consistia em territórios separados dos estados do Amazonas e Mato Grosso. Com clima equatorial e bastante úmido, o estado de Rondônia está localizado no norte da América do Sul, no oeste da Amazônia, com uma área de 238.378 km.

O estado de Rondônia, foi criado pela Lei complementar número 41, de 22 de dezembro de 1981, que elevou o Território Federal do mesmo nome a categoria de estado, limita se ao Norte, Nordeste e Noroeste com o estado do Amazonas. Ao Leste e Sudeste com Mato Grosso; Ao Oeste com o Estado do Acre e República da Bolívia; Ao Sul e Sudoeste com a República da Bolívia (Lima, 1969, p.15).

Rondônia está dividida em 52 municípios. Porto Velho e Guajará Mirim foram as primeiras cidades habitadas. Cada um tem a sua cultura, trazida por pessoas que aqui chegaram durante a construção da ferrovia Madeira Mamoré.

No dia 17 de novembro de 1903, é assinado o Tratado de Petrópolis entre o Brasil e a Bolívia, houve a incorporação do Acre ao Brasil, mediante a indenização de dois milhões de libras esterlinas, e ainda caberia a construção de uma ferrovia, margeando os rios Madeira e Mamoré, para viabilizar o escoamento dos produtos do Centro-Leste e Norte boliviano para o Oceano Atlântico. Na construção vieram pessoas de várias localidades e países, estes sofreram com doenças tropicais como febre amarela, pneumonia, malária entre outras doenças... A construção da estrada de Ferro Madeira Mamoré foi de grande importância para o desenvolvimento do povoado denominado Santo Antônio do Rio Madeira. E, após isso, surgiu Porto Velho com as residências dos operários (Oliveira, 2004, p.52).

Após a conclusão da ferrovia Madeira Mamoré, a vila de Esperidião Marques, atual cidade de Guajará Mirim, sobe até o fim, a ferrovia não durou muito, dois anos após o início da desvalorização da borracha, o que provocou a desativação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Ferro Madeira Mamoré em 10 de julho de 1972. Em 1979 anunciaram que venderiam o material ferroviário para sucata, o anúncio causou alvoroço entre os moradores e alguns ferroviários que sabiam o quão difícil seria a construção desta estrada, a intervenção do governador Jorge Teixeira, termina a retirada das peças.

No final de 1980 foi realizado um seminário que tinha como objetivo destacar a importância da Estrada de Ferro, e foi contratada a engenharia Antônia Teodulo Palitot para fazer orçamento para a recuperação. E muitos se emocionaram ao ver que no dia 5 de maio de 1981 foi inaugurado o trecho de 7 km entre Porto Velho e a cachoeira de Santo Antônio, tornando-se atração turística. Também podemos destacar o entorno da Estrada de Ferro Madeira Mamoré na série "Mad Maria" produzida pela Rede Globo, que se baseia na história da construção da Ferrovia. Na capital de Rondônia a diversidade cultural é incontável, há um calendário de atividades culturais, festivais e

teatro que expressam a força da cultura local, provocada pela população do Nordeste, onde ficava o “Arraial Flor do Maracujá”, presente mais de trinta anos. “Expovel – Exposição Agropecuária”, “Festival da costela assada”, “Peça de Teatro Bizarro” com participação de presos, espetáculo “Homem de Nazaré”, que acontece no maior teatro do país no mês de maio a céu aberto na região norte, esse calendário atrai turistas de diversas regiões do Brasil e países vizinhos. Outros pontos turísticos populares são a Praça das Três Caixas d'água e a Praça Estrada de Ferro Madeira Mamoré, localizadas no centro da capital. Símbolo da cidade de Porto Velho, três caixas d'água estão estampadas na bandeira e no brasão do município. A escultura das três caixas d'água foi a caixa d'água da cidade até 1957. A praça é bastante animada e as pessoas aproveitam para passear e comer com a família ou amigos. Os turistas aproveitam para tirar fotos, principalmente no mês de dezembro, quando ganham um brilho especial com as luzes de Natal. Porto Velho possui um parque chamado Parque da Cidade, há um enorme lago com pedalinhas d'água e atrações ao ar livre que oferecem aos turistas o pôr do sol mais lindo do Brasil, e há uma pequena arena de teatro no meio do parque.

1.2 Guajará Mirim

O nome Esperidião Marques vem da comunidade indígena do atual Guajará Mirim e significa pequena cachoeira, pois é conhecida desde o século XVIII como uma das referências geográficas do percurso Santa Maria Belém-do-Pará/Vila Bela . da Santíssima Trindade em Mato Grosso (Lima, 1969, p. 116). A formação do município de Guajará Mirim teve início no final do século XXI com o nome de Esperidião Marques. Desenvolveu no período da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (OLIVEIRA, 2004, p.107). Guajará Mirim era o maior centro comercial do vale do Mamoré e do Guaporé. Os seringalistas montaram grandes galpões para comprar látex e entregar alimentos e outros bens.. No dia 08 de outubro de 1912 o Governo de Mato Grosso, instalou um Posto Fiscal, com a incumbência de arrecadar impostos.

No dia 12 de junho de 1928, o povoado de Guajará Mirim era elevado à categoria de cidade, passando a ser a sede do município do mesmo nome através da Lei nº 991, do Governo do Mato Grosso. A instalação do município ocorreu em 10 de abril de 1929. Em 1943, passou a constituir-se parte do Território Federal do Guaporé (Rondônia), nas condições de Município, ostentando o seu nome original de Guajará Mirim (Lima, 1969, p.116).

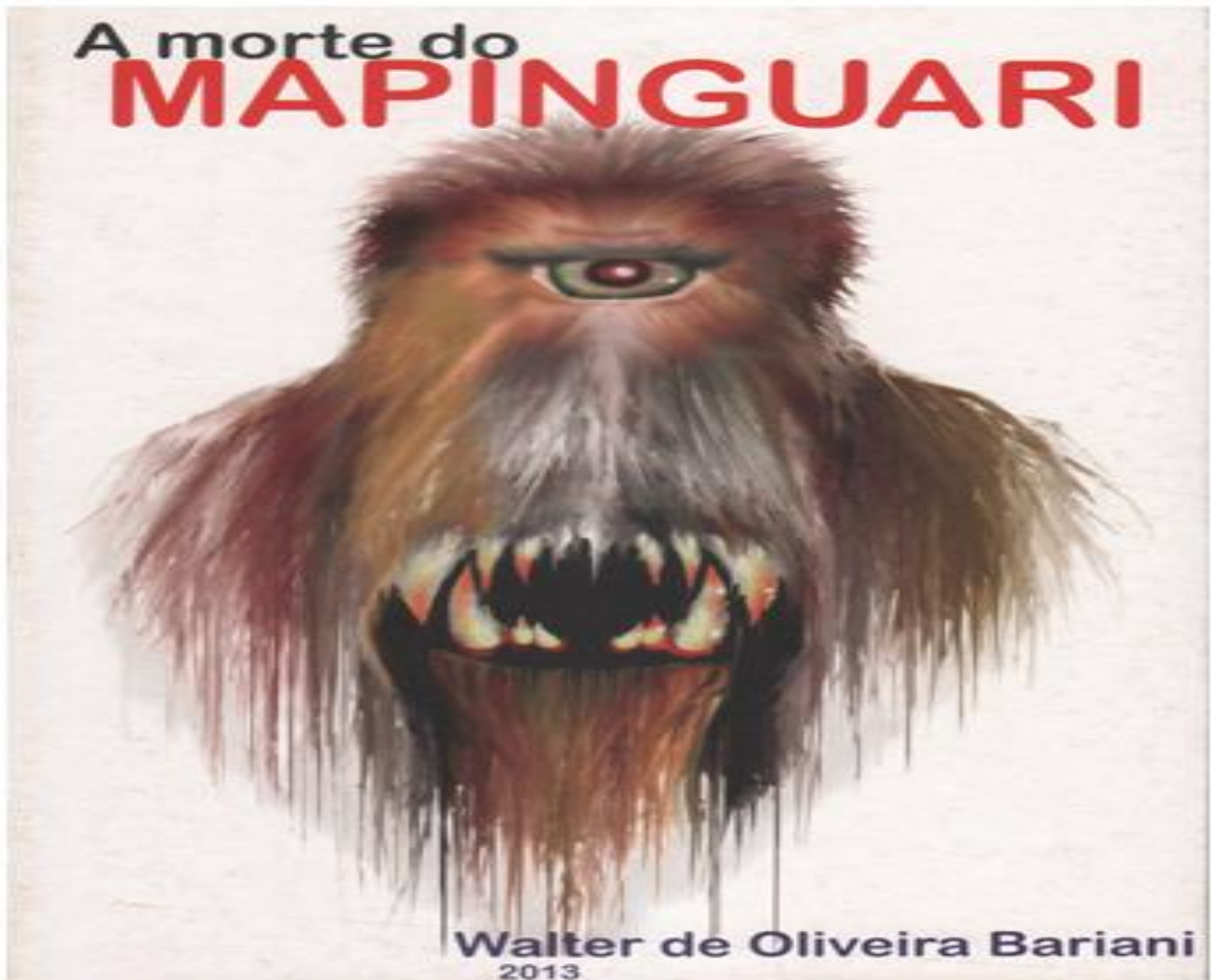
Desde 1994, é organizado na cidade de Guajará Mirim o festival folclórico Pérola do Mamoré, que promove a cultura e o turismo da região. Este evento é importante para os brasileiros e inclui a troca de conhecimentos comunitários e culturais bolivianos que este momento oferece aos festivaleiros. Os protagonistas da festa prometeram reformar e retornar, com o boi Flor do Campo vem o tema Rondônia, mitos e narrativas, e seu adversário, o boi Malhadinho enfatizou: Etnia, raça, Brasil

Entre as narrativas culturais de Rondônia está a narrativa do Mapinguari, que o escritor Bariani, conta a história de um senhorzinho chamado Vô Dito. Segundo Bariani (2012, p. 29-31), um dos visitantes habituais era um advogado que queria conversar com ele e ouvir suas narrativas, que incluíam entre os personagens lendários da selva impenetrável o Mapinguari, o terrível monstro da selva ou caboclinho, uma espécie de índio encantado que protege as matas, ou o boto-cor-de-rosa, a boiúna, a cobra grande e mais algumas narrativas trazidas da senzala. O escritor relata o seguinte diálogo

- Mas o senhor não viu nenhum Mapinguari, não é?
- Num só vir como matei um, seu ... respondeu o Velho, causando espanto em seu interlocutor.
- O senhor matou um Mapinguari? Ah, não agora o senhor tem que me contar esse caso, meu amigo...
- Matei, sim senhô, e tinha uma porção de gente comigo naquele dia, que me ajudou a acabar com aquele desgraçado.
- E o senhor matou como?
- Dando um tiro nele...
- Mas, dizem que bala não fura a pele dele por causa dos pêlos...
- Ah, mais aí é que tá o caso... se ocê atirar no corpo dele num vai matá nunca, or que bala num entra mesmo, né... (Bariani, 2012, p. 29-31).

Vô Dito é um velho negro com traços fisionômicos característicos de seu povo: cabelos brancos desfocados pelos anos, nariz largo, boca larga, rosto meio redondo, barba branca espalhada aqui e ali em longos cachos retorcidos, brancos e fortes, dentes (...) que se mudou para o Acre, era muito jovem e muita gente vieram aqui colher e acabaram morando nesses lugares, casaram e formaram uma família grande. Posteriormente, com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, instalou-se em Rondônia, no município de Guajará Mirim, às margens do belo rio Mamoré, na fronteira com a Bolívia. Suas principais atividades relembram narrativas do passado, caça, pesca, trabalho na floresta primitiva, onças, cobras, aranhas venenosas e o medo das criaturas sobrenaturais que vivem na floresta.

Figura 1. Capa do livro A morte do Mapinguari



Fonte: Bariani, 2013.

Essa ilustração é capa do livro “A Morte do Mapinguari”, um terrível monstro da selva, uma espécie de criatura encantada que protege a floresta amazônica, que possui uma variedade de fauna e flora, e pessoas com uma cultura adaptada de histórias dos povos da floresta amazônica, espírito da terra, está presente no imaginário dos povos que ali vivem, incluindo o Mapinguari, unidade típica do folclore amazônico. Essa narrativa é pouco conhecida em algumas regiões porque é mais comum na região do Pará. O Mapinguari também é conhecido na cidade do Acre de todas as narrativas, é a mais comum para o povo desta região.

Diz-se que o Mapinguari vem de um povo indígena que atinge uma idade avançada e se torna um monstro de vastas florestas ou um grande primata cujo corpo é coberto de pelos, exceto o umbigo, que é uma parte vulnerável do corpo às balas

dos caçadores, um olho na testa, pernas e braços como a mão de pilão, pele como a pele de um jacaré, que só morre quando o olho é atingido. Exala um odor muito forte. Costuma soltar gritos na floresta, a confundir os habitantes da localidade, que ao responder, pensando ser alguém perdido, torna-se presa fácil do temido Mapinguari.

A cultura do Mapinguari se estendeu e hoje nós temos nos Estados do Amazonas e Rondônia, nos Municípios de Canutama, Lábrea e Porto Velho, está localizado o Parque Nacional Mapinguari, que tem como objetivo preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, com destaque para importantes encaves de savana do interflúvio Purus-Madeira, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. O Parque faz parte das antigas estações ecológicas Mujica Nava e Três Irmãos. O Parque Nacional Mapinguari tem seus limites descritos a partir da confluência de dois tributários sem denominação do Igarapé Coari entre os Vales dos Rios Purus e Madeira, nos de Rondônia e Amazonas, nos Municípios de Canutama, Lábrea e Porto Velho.

É difícil precisar a etimologia do nome Mapinguari, afinal fundamentalmente, a linguagem falada pode produzir diferentes interpretações a partir de como cada palavra é pronunciada e ouvida. A principal suposição é que o nome Mapinguari vem do tupi-guarani, que significa “Coisa com os pés torcidos” ou “Aquele que tem os pés torcidos”. O que é interessante porque essa, nem de longe, é a característica mais marcante do Mapinguari nos dias de hoje.

De fato, os primeiros relatos de Mapinguari datam do século XIX para a virada do século XX, coincidindo com o primeiro ciclo da borracha na Amazônia em que a extração do látex levou a um boom econômico e demográfico no norte do país. É nas máquinas de rosqueamento de borracha que encontramos alguns dos mais.

Um sinal importante de sua existência é o guincho animalesco que ecoa pela floresta, acompanhado pelo som de galhos se quebrando. Seu cheiro também é informativo, às vezes lembrando morcegos, às vezes alho podre, emite um cheiro pútrido, o suficiente para alertar qualquer pessoa próxima de que o perigo está se aproximando. Além disso, o Mapinguari tem medo de água, por isso vive nas florestas mais densas, onde a terra ainda é seca. Ele caça e devora humanos indiscriminadamente na floresta, às vezes comendo a cabeça primeiro, às vezes em pedaços.

Mas, afinal, como é esse Mapinguari? Na verdade, sua aparência e habilidades são mistura perfeita da mitologia indígena, Mapinguari seria um xamã que descobriu o segredo da imortalidade, mas o preço que pagou por isso foi se transformar em uma fera horrenda e fedorenta. Suas inúmeras descrições emprestaram tudo o que o torna animalesco. Diz-se que é humanoide, mas enorme em tamanho variando de três a seis metros, semelhante a um macaco, coberto de pelos longos e couro indestrutível. Essa invulnerabilidade às vezes fica na boca como se ele tivesse uma carapaça como uma tartaruga, pele de réptil como um crocodilo e até pedras no peito e nas costas.

Conforme mencionado anteriormente, seus pés às vezes ficam de cabeça para baixo como o curupira e outras criaturas da floresta que usam essa tática para confundir seus perseguidores. Outras versões mais comuns hoje dizem que suas pegadas são redondas, como a mão de um pilão ou o fundo de uma garrafa E, assim como os pés de garrafa, há variáveis, que dizem que tem apenas um pé ou apenas um lado do corpo. É por isso que falamos sobre a fusão.

Sua boca maciça no abdômen é frequentemente descrita como disposta verticalmente semelhante ao quibungo, um monstro tradicional entre os negros que vieram para o Brasil como escravos, exceto que a boca do quibungo fica nas costas. No entanto, devido à sua localização, ambos sempre se referem à vagina dentada. Isso nos fez pensar: que tipo de comportamento ou tipos o mito castra nos homens? Crocodilos até pedras no peito e nas costas.

Peludo, com apenas um olho na testa e a boca no umbigo, cheia de dentes afiados. É assim que a fera chamada Mapinguari é descrita pelos indígenas da região. Alguns acreditam que ele usa uma espécie de casco de tartaruga como armadura e outros que ela tenha pele de jacaré. Também existe a história de que os pés do bicho teriam formato de uma mão de pilão.

Este animal é muito assustador, não tem medo de caçadores, seus dentes podem até comer o cano de uma espingarda, exceto gritando na floresta. Se alguém responder ao seu chamado, o animal pode ir até essa pessoa, e o final será terrível. Existem várias histórias que explicam as aparições do Mapinguari que serão relatadas nesta dissertação.

Na narrativa tradicional de Cascudo (2002, p. 222-223):

O Mapinguari é o mais popular dos monstros da Amazônia. Seu domínio estende-se pelo Pará, Amazonas, Acre, vivificado pelo medo duma população infixa que mora nas matas, subindo os rios, acampando nas margens ignotas das grandes águas sem nome. Caçadores e trabalhadores de todos os misteres citam o Mapinguari como um verdadeiro demônio do

Mal. Não tem utilidades nem vícios cuja satisfação determine aliança momentânea com os cristãos. Mata sempre, infalivelmente, obstinadamente, quem encontra. Mata para comer. Descrevem-no como um homem agigantado, negro pelos cabelos longos que o recobrem como um manto, de mãos compridas, unhas em garra, fome inextinguível. Só é vulnerável no umbigo. Esse lugar é clássico para a morte dos monstros. É o sinal do seu nascimento, de sua triste e melancólica condição mortal. Só se articula aos vivos pela cicatriz umbilical que o unifica à imensa família dos que vivem na Terra. O Lobisomem também, em certas paragens, pode ser abatido pelo umbigo. O Mapiquari, ao contrário de outras entidades fabulosas, não anda durante a noite. Durante a noite, dorme. O perigo é de dia, o dia penetra no meio das florestas com a luz do Sol fazendo-a macia e tênue. Na obscuridade dos troncos disformes o Mapiquari se destaca, bruscamente, para atacar e ferir. Mas não avança silencioso como seria preciso e lógico. Vem berrando alto, berros soltos, curtos, altos, atordoadores. De longe os homens ouvem seus apelos terríveis. E fogem. O Mapiquari se faz anunciar como pedindo a condição da coragem para um encontro supremo. Esses gritos roucos e contínuos explicam rumores que a floresta produz e não confia na justificação. Ignorantes dos mistérios da repercussão, da refração e da difusão das ondas sonoras, os homens da mata entregam ao Mapiquari o direito de constituir o produtor do inexplicável como, nos velhos séculos coloniais, Curupira, batendo nas árvores, Mboitatá enroscando-se em fogo nas relvas, Anhangá galopando com os olhos coruscantes, Caapora guiando a manada de porcos caetetus, meneando o galho de japecanga como um bastão de marechal.

Essa narrativa não foi acolhida junto a população amazônica, esta narrativa tradicional foi escrita pelo escritor Luís da Câmara Cascudo, através de relatos populares ele escreveu por ser uma narrativa interessante.

O Mapiquari começou a comer suas vítimas pela cabeça. Os ribeirinhos dizem que o Mapiquari só anda na mata durante o dia e é vigiado à noite, com algumas exceções. Seus passos deixam rastros de árvores quebradas e caídas. Ironicamente, a fera só tem medo de preguiças por razões desconhecidas.

Ninguém sabe até que ponto é imaginado, apenas sabe que é verossimilhança. A existência desse animal pré-histórico hoje não foi comprovada cientificamente, e não se sabe se o Mapiquari era o animal, mas os caboclos acreditavam que se tratava de um ser sobrenatural que vivia na floresta. Sabemos que o Mapiquari é uma figura importante no folclore amazônico, e as descrições de sua presença em diversas regiões fornecem uma estrutura para a verossimilhança. Reza a narrativa que a fera só pode morrer se levar um tiro no abdômen, que é seu ponto fraco. Outra narrativa do Mapiquari que existe entre os povos da floresta está relacionada aos povos indígenas. Muitas tribos acreditam que algumas pessoas em sua comunidade, quando atingem uma certa idade, se transformam em animais aterrorizantes.

Nesse sentido, o monstro percorre as florestas da América do Sul, usando suas garras poderosas para derrubar arbustos e árvores e deixar rastros de destruição em

busca de alimento. Cita a narrativa que os gigantes eram uma tribo de bravos guerreiros e xamãs que morreram em uma batalha.

Diferentes de outras narrativas como a do Curupira, Saci, o Boto e da lara, o Mapinguari é irracional, causa pavor e destruição por onde passa, tornando terrível e assustador para homens e animais. Para Machado (1987, p.34),

O Mapinguari, provavelmente, é um urso oriundo dos Andes e adaptado à floresta amazônica. Por tratar-se de um animal raro e desconhecido dos habitantes da imensa planície, criaram-se histórias e narrativa a seu respeito. Colabora com essa teoria o domínio geográfico de suas aparições: o Alto Solimões, Negros, Purus, Juruá, Madeira, pontos de intersecção com a planície com os Andes.

A presença sempre perigosa continua a ser sentida Mapinguari – ou seja, nesta possível experiência prática particular. Catadores de açaí teriam avistado um Mapinguari na Reserva Florestal Sumaúma deixou os moradores da Vila dos Pescadores apavorados. Localizada na cabeceira da ponte sobre o rio Jamari, há cerca de 85 quilômetros de Porto Velho, a Vila dos Pescadores é formada por mais de 30 famílias, todas sobreviventes da pesca e da extração do açaí.

O fato aconteceu no início do mês de setembro, quando um grupo de extrativistas foram realizar a coleta do açaí no rio Japiim, onde fica localizada a Reserva Sumaúma, próximo a uma grande Serra. Para um catador que fazia parte do grupo, tudo teria começado quando eles ouviram um grito floresta adentro. “Comecei a imitar o grito e percebi que o som se aproximava de nós. Foi quando começamos a ouvir um forte estalo e de maneira intermitente. Nesse momento, apareceu uma criatura de cor escura e de aproximadamente dois metros de altura, com apenas um olho avermelhado como chamas”, disse.

Assustados, todos deixaram o açaí que tinham colhido e correram para a beira do rio, pegaram o Rabeta e voltaram para uma barraca improvisada que eles tinham feito. Mas ao chegar próximo da barraca, o medo foi ainda maior, quando viram novamente a criatura próximo da barraca.

Na mesma hora, todos retornaram para a canoa, ligaram o Rabeta rapidamente e voltaram atemorizados em direção a Vila. “Já estava escuro quando saímos da reserva, sem lanterna e deixamos tudo para trás. A viagem de volta foi mais perigosa, pois não enxergávamos quase nada”, disse um deles.

O susto foi tão grande que alguns deles não conseguiram dormir por alguns dias. A notícia logo se espalhou na Vila e devido ao ocorrido, nenhum extrativista se arriscou a ir mais naquela reserva (Vegini, 2014, p.99-100).

O medo do Mapinguar era tão grande que alguns não conseguiram dormir durante vários dias. Logo se espalhou a notícia de que havia um Mapinguari naquele habitante, por causa do ocorrido, nenhuma pessoa ousou se aventurar nesta tão temida área protegida do Mapinguar.

“Muita gente fala que a trilha do trem Madeira-Mamoré teve os problemas que teve por causa da malária e dos índios, mas não foi isso não. Meu pai trabalhou lá, vixi como faz tempo, o velho Preto Raimundo. Ele me contou que o que mais matou os operários quando estavam abrindo a trilha foi o

mapinguari. Um macacão de uns três metros de altura, com um olho só, uma boca em pé que ia do queixo até o umbigo, as mãos terminando em garras e um pixé de coisa morta e podre que fazia qualquer um passar mal só de tá perto. Dizia ele que o gigante aparecia de noite, quando tava todo mundo dormindo. Quando chegava perto dos abrigos já começavam a vomitar e ficavam ali mesmo, passando mal como eu te disse meu filho. Os que conseguiam correr se salvaram de morte horrível tendo suas cabeças comidas pelo bicho.(Vegini 2014.p.98)”

Em Porto Velho, durante a construção da Ferrovia Madeira Mamoré, foram encomendados relatos desse caráter, incluindo hábitos noturnos, para explicar suas supostas mortes misteriosas, como mostra a citação.

Segundo o Velho Preto Raimundo, o maior número de trabalhadores morreu durante a construção da Ferrovia Madeira Mamoré, pelo Mapinguari. Um macacão de três metros de altura e um olho só, boca do queixo ao umbigo, garras nas mãos e pixels de coisas mortas e apodrecidas que enjoavam todos ao redor. Que ele só aparecia de noite quando eles estavam dormindo.

Em 1937, um espécime causou pânico no estado de Mato Grosso, após atacar e matar mais de 100 cabeças de gado. A criatura supostamente arrancou a língua dos animais e os devorou, ganhando o apelido de “comedor de língua”. Já em 1967, outra narrativa refere-se a um ataque de um casal de Mapingari a um grupo de caçadores nos arredores de Codajás.

No entanto, a história mais detalhada e fascinante de encontros com a criatura data de 1983, envolvendo um homem conhecido como Inocêncio, que foi o guia de uma expedição internacional ao Rio Urubu. O trabalho de Inocêncio é coletar espécimes de macacos para pesquisadores norte-americanos. Ao explorar uma parte remota da selva, Inocêncio e sua equipe descobriram as pegadas de um grande animal que pensavam ser um primata.

O grupo foi para a floresta em busca do animal, acreditando que a descoberta os pagaria generosamente dia três a perseguição os leva a uma área inexplorada, e a equipe decide acampar em uma clareira. Em uma noite particularmente escura, algo sinistro e aterrorizante começa a espreitar na borda do acampamento, fazendo um barulho que deixa os homens nervosos. Nem mesmo eles, os experientes guardas-florestais e especialistas em florestas, ouviram falar disso. De acordo com testemunhas, o som se assemelhava ao grito da garganta de um homem, acompanhado por um rosnado assustador.

Inocêncio ordenou que os homens acendessem o fogo, pois parecia impedir que essa coisa, fosse o que fosse, se afastasse. Armados, os homens dispararam

para o ar, esperando que o som afastasse a fera. Mas o barulho teve o efeito contrário, e o animal parecia estar se aproximando. Então um dos guias locais sucumbiu à superstição e começou a gritar que era Mapinguari, a fera que mataria todo mundo.

1.3 Acre

A história do Acre é caracterizada por uma série de confrontos, disputas e acordos relacionados à definição do limite de conforto. Com a chegada de nordestinos, no século XIX, teve início a Capital de Rio Branco no período do Ciclo da Borracha, época em que se iniciou miscigenação da cultura da população que veio em busca de trabalho, os nordestinos, os turcos, portugueses, libaneses dentre outros.

No início da segunda metade do século XIX, após a Segunda Revolução Industrial, a extração de látex na Amazônia tornou-se muito lucrativa e a Bolívia perdeu o canal de Antofagasta ao Chile porta de entrada dos produtos bolivianos no Pacífico. O país não teve oportunidade de escoar a sua produção de borracha através do seu território, foi necessário criar uma alternativa que permitisse a sua exportação através do Atlântico. O general boliviano Quentin Quevedo propôs hipóteses para atravessar a cachoeira do Madeira: canalizá-la ou construir uma ferrovia. Para superar as corredeiras do rio Madeira, que causaram perdas de vidas e bens, foram discutidas propostas para facilitar o transporte naquele trecho do rio. A ideia original escolheu uma navegação fluvial que continha o rio Mamoré na Bolívia e depois o rio Madeira no Brasil. Mas havia grandes obstáculos no curso do rio: vinte cachoeiras impediam a navegação. O plano era construir uma ferrovia que cobrisse o campo de batalha. A melhor opção seria construir uma ferrovia às margens dos rios Madeira e Mamoré, principalmente quando a demanda por látex era alta, a área tornou-se um importante polo ocupado por seringueiros, a maioria deles do Ceará, fugindo de uma forte seca, migrou para a Amazônia, ocasionando um povoamento e assim se fixando na região do Acre. Em 1898, ocorreu a confirmação, pela Comissão Demarcadora de Limites, de que a região do Aquiri ou Acre, ocupada por seringueiros brasileiros, pertencia à Bolívia (Oliveira, 2003, p.41).

A Bolívia começou a se adaptar a essa oportunidade pela necessidade de produzir para venda. O governo boliviano instalou um posto alfandegário na área, o que gerou conflitos entre o governo boliviano e os seringueiros brasileiros. O governo está a tentar arrendar as suas terras à Confederação Boliviana de Capitalistas Norte-Americanos, o que daria incentivos fiscais aos agricultores caçados e explorados pela borracha brasileira, dizem autoridades, apoiadas pelo conhecedor da borracha José Carvalho. O espanhol Luiz Galvez Rodrigues de Aurias veio proclamar a independência e fundação do Acre. Nessa luta, o governo brasileiro assinou diversos tratados, como o Tratado de Ayacucho em 23 de março de 1867, o Tratado de Ayacucho entre Brasil e Bolívia, que estabeleceu a livre navegação no Amazonas tendo o Brasil como dono do Alto Madeira. Dentro dos distritos urbanos. A região tornou-se oficialmente estado em 1962, durante o governo de João Goulart. Foi anexada ao território brasileiro em 1903 após confrontos entre seringueiros e tropas bolivianas. Num acordo diplomático, assinaram o Tratado de Petrópolis, pelo qual a Bolívia reconheceu as possessões brasileiras.

1.3.1 Cultura Acriana

Em Rio Branco, existem poucos prédios históricos, tendo destaque o que foi construído em 1930 na época era a sede do governo do estado, o "palácio Rio Branco", que passou por um processo de restauração em 1999, a manutenção de suas características históricas, além do seu valor político, arquitetônico e cultural. Em 2008, transformou-se em museu expondo a sua cultura a quem visitar.

Na cidade de Rio branco temos vários pontos culturais com uma deliciosa gastronomia com o prato o 'pirarucu à casaca, quibes de arroz e de macaxeira.

A gameleira uma árvore com mais de 2º metros de altura uma árvore que foi testemunha de duas batalhas da revolução acriana. Tombado monumento histórico pelo Dec. Municipal nº 752, de 28 de dezembro de 1981. Hoje a gameleira é um ponto turístico de encontro, de entretenimento e de um bom papo. A praça Plácido de Castro recebeu uma estátua de Plácido de Castro, um monumento de 12 metros de altura, ele foi um dos combatentes da revolução Acriana.

A Vila Custódio Freire também possui a casa do Mapinguari, ponto turístico para moradores da Região Norte. Muitos vão até lá para fotografar a enorme escultura do Mapinguari.

O local conhecido como “A Casa do Mapinguari” chama atenção de quem passa pela Vila Custódio Freire, na BR 364, em Rio Branco. O professor que nasceu em Belém, formado em artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA), está no Acre há sete anos e defende a conservação das lendas da região Norte. O artesão conta que aprendeu as histórias com os moradores de Belém (PA), cidade onde morava quando adolescente. Ele diz que desde pequeno rabiscava esboços do que futuramente tinha a intenção de esculpir. E foi isso que Enock fez. Na entrada da sua casa, já é possível se deparar com um da protagonista dessas lendas: um Mapinguari de 5 metros. Eu sempre fui muito ligado a histórias da Amazônia, principalmente nas narrativas. Porque eu morei em um local próximo a floresta e alguns moradores indígenas, pescadores e seringueiros contavam essas histórias para a gente. E eu, já com 14 anos, rabiscava como eu pensava ser essas criaturas. Eu fui crescendo com vontade de tornar essas imagens em tamanhos reais para que pudessem servir de lazer e conhecimento também” crescendo com a vontade de tornar essas imagens em tamanhos reais para que pudessem servir de lazer e conhecimento também”, destaca. O público que mais tem visitado o espaço é feito de alunos. Os colégios trazem as crianças para conhecerem os personagens, por horas, eles ficam aqui, sobem em cada personagem, escutam as lendas de cada um deles⁴

A Vila Custódio Freire é um ponto turístico onde as pessoas vão para conhecer as histórias e ver as enormes esculturas feitas por Enock, inclusive o Mapinguari, que pode ser visto de longe por ser uma das figuras com anatomia exagerada. Quer os visitantes da casa sempre querem tirar fotos com os personagens passados de geração em geração, que nunca ouviram falar da história do boto rosa que sai do rio para encantar as moças à noite, ou da bela lara, quem encanta os homens com sua voz? É uma fera maravilhosa de Mapingari, parecendo um homem, toda peluda, com pés em forma de garrafa e garras afiadas, inimiga dos homens, que lhes infunde medo, e que se deleita em comer a cabeça dos homens.

Figura 2. O Mapinguari

⁴ <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/09/apos-mapinguari-gigante-artesao-faz-iara-e-curupira-no-jardim-de-casa.html-Acesso:05/04/2023>



Fonte: Jardim da casa do Enock Foto: TÁCITA MUNIZ/G1)⁵

A figura dois mostra a escultura do Mapinguari de cinco metros da Vila Custódio – Acre. Enock, sempre gostou muito das narrativas da Amazônia, principalmente da narrativa dos povos indígenas, pescadores e seringueiros.

Figura 3. O Mapinguari

⁵ <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/09/apos-mapinguari-gigante-artesao-faz-iara-e-curupirano-jardim-de-casa.html-Acesso:05/04/2023>



Fonte: Registro fotográfico, da autora da dissertação – novembro de 2023.

No ano de 2023 fiz uma visita a Vila Custódio e deu para perceber a beleza do ambiente com sua enorme escultura no qual o responsável conta a narrativa do Mapinguari e de outras esculturas ali presente. O Mapinguari acriano tem a boca na barriga no formato horizontal diferente do Mapinguari da amazônica cuja a boca é vertical. Estive presente no Parque Natural Chico Mendes, Esse Parque ganhou este nome em homenagem ao ambientalista, Chico Mendes que foi assassinado por proprietários de terras que se opunha a sua luta de preservação ambiental. Nele tem uma escultura feita de fibra do Mapinguari que se refere a ele como mostro lendário da Floresta, cabeludo com cheiro mal que embriaga os caçadores.

Figura 4. O Mapinguari



Fonte: Registro fotográfico, da autora da dissertação – novembro de 2023.

1.5 Amazonas

A área ocupada pelo estado do Amazonas foi explorada em 1541 por uma expedição liderada pelo espanhol Francisco Orellana, a quem se atribui a descoberta da área. Segundo alguns historiadores, ele lutou contra uma tribo de guerreiras nativas identificadas como Amazonas. A região pertencia à Espanha, mas de acordo com o Tratado de Tordesilhas de 1494, os portugueses interessaram-se pela região. Em 1750, o Tratado de Madrid encerrou as disputas entre os países, e Portugal finalmente recebeu esse território no Brasil. Na metade do século XVIII, D. José I, na Carta Régia de 3 de março de 1755, criou o cargo de Capitão porque era necessário

reforçar a defesa daquela zona e ao mesmo tempo criar o aparelho de Estado português naquela parte da colônia. O pedido foi apresentado por José do Rio Negro, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, então governador do Grão-Pará e do Maranhão. A data escolhida para comemorar a fundação da província do Amazonas em 1850 por D. Pedro II pela Lei nº 582 foi 5 de setembro de 1850. A província hoje é o estado do Amazonas. O decreto de criação da Província do Amazonas foi assinado por, Dom Pedro II, em 1850.

O nome “Amazonas” vem da palavra “amassunu” que significa “som da água, ecoando a água” na língua indígena. O capitão espanhol Francisco Orellana deu-o ao rio que atravessa o estado em 1541. O Tratado de Tordesilhas entre Espanha e Portugal em 1494 hispanizou a região amazônica.

A fortaleza foi construída pelos portugueses no ponto onde se juntam os rios Negro e Solimões para controlar o acesso à parte mais ocidental da Amazônia. O povoado foi chamado inicialmente de São José da Barra do Rio Negro

Em 1856, a cidade foi finalmente batizada de Manaus em homenagem ao povo nativo Manáos (Mãe dos Deuses), principal etnia da região, historicamente reconhecida pela bravura e coragem. Dentre os vários povos que vivem na Amazônia, destacam-se diversas manifestações culturais, os nativos demonstraram muita sabedoria no cultivo de sementes que forneciam alimento para suas comunidades, também dominaram o cultivo de outras culturas, amendoim, abacate, abacaxi, cacau (produção de chocolate) mandioca além desse conhecimento, (...), a riqueza de muitas nações, começou a ser utilizada por agricultores, técnicos e cientistas em todo o mundo. A pesca ocorre quase todos os dias, por não terem meios para armazenar grandes quantidades, as comunidades tradicionais pescam de duas formas: com arco e flecha ou com timbó, varas cortadas de um cipó e amarrada em feixes colocados perto da barragem. A cerâmica faz parte da cultura indígena

Entre outros costumes, esses indígenas-língua tupi-costumam a realizar o ritual de passagem entre a infância e a vida adulta. Os meninos ficam na casa dos homens tendo que passar por sofrimentos físicos e provar sua força. As meninas também tem seus rituais de transição.(Anselmi 2006, p.69)

Os povos indígenas possuem características específicas que são fruto da história e das experiências de cada grupo. Cada um deles criou e difundiu costumes e tradições diferentes.

1.6 Parintins

Parintins é um município localizado na ilha de Tupinambarana no estado do Amazonas, em uma área conhecida como Amazônia Central. Uma pacata cidade que anualmente se torna anfitriã da festa dos Bois-bumbás.

A cidade de Parintins, localizada a cerca de 370 quilômetros de Manaus, na região correspondente ao Baixo Rio Amazonas, é destaque pelo seu festival folclórico realizado desde 1966 com formato de disputa. Entretanto, a história dos agentes envolvidos remonta ao ano de 1913, quando se deu a fundação dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso. No referido festival, também são apresentados personagens e características que remetem ao cotidiano amazônico, como: o caboclo ribeirinho, lendas amazônicas, rituais e figuras típicas regionais.⁷

O festival acontece todos os anos em junho por três noites de pura emoção. O arranjo se dá em dois grupos de bois: um Boi Garantido, branco com um coração vermelho na testa, cujas cores de amigos são o vermelho e o branco; e o Boi Caprichoso, um boi preto com uma estrela azul na testa, sendo suas cores preto e azul. Este festival atingiu proporções gigantescas ao combinar de forma inovadora e criativa padrões e temas culturais tradicionais com procedimentos e abordagens modernas. É importante manter viva a tradição da história do boi que morreu e milagrosamente voltou à vida, que lembra os nordestinos que se mudaram para o norte do Brasil durante o ciclo da borracha. A participação da população é extensa, tanto do Norte como de outros países, o que destaca a participação da indústria cultural e do turismo em amplos estratos sociais numa festa com características tradicionais. Este festival interage com todas as formas artísticas e diferentes grupos e camadas da sociedade através de um intenso intercâmbio cultural.

A brincadeira do boi tem suas diversidades e diferentes contextos socioculturais, ela é conhecida por vários nomes no país de acordo com a região: Boi bumbá, no Amazonas e no Pará; Bumba-meu-boi, No Maranhão; Boi Calemba, no Rio Grande do Norte; Cavalo-Marinho, na Paraíba; Bumba de Reis ou Rei de boi, no Espírito Santos; Boi Pintadinho, no Rio de Janeiro; Boi de Mamão, em Santa Catarina⁸

A primeira brincadeira de boi bumbá no Brasil aconteceu em 1840 no Recife. Outra referência é de 1859 de Manaus. Originário do bumba-meu-boi maranhense, o

⁷ <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132193.pdf> Acesso: 04/05/2023

⁸ file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/O_Boi-Bumba_de_Parintins_Amazonas_breve_historia_e.pdf : acesso: 03/05/2023

festival adaptou completamente a cultura parintinense com elementos indígenas, fauna local e música própria. E com o Festival de Parintins, alcançou o reconhecimento mundial. O Festival de Parintins começou em 1965 como uma comunidade jovem católica local. No início da década de 1980, esse município se expandiu e, no final da década, tornou-se alvo de investimentos do Estado. E o boi foi preenchido com novos membros e a aparência do boi melhorou. A brincadeira refere-se a uma forma de teatro de música folclórica onde pequenos grupos atuam com base na lenda da morte e ressurreição do boi e apreciam a influência dos povos indígenas nos rituais criativos do Parintins.

Quanto às categorias que fazem parte da apuração do festival, podemos citar duas que destacam e avaliam aspectos indígenas, são elas: a lenda amazônica, que avalia a encenação de lendas indígenas no bumbódromo, e as figuras típicas regionais, que como o próprio nome diz, avalia as fantasias e alegorias, e o quanto elas retratam a cultura e o folclore do povo da região⁹.

Lenda da Amazônia, que valoriza a encenação de lendas indígenas no bumbódromo e personagens típicos da região como a Cobra Grande, Boto, Curupira e Matinguari, e o quanto refletem a cultura e o folclore dos povos da região.

As melodias sobre rituais nativos expressam o cotidiano, falam sobre mitos e lendas da língua materna. Essas palavras e expressões indígenas fazem parte da festa, principalmente nas histórias sobre rituais, tribos, personagens regionais e cunhã poranga, os temas abordados nos versos das apresentações de boi-bumbá contêm aspectos individuais ou coletivos com referências. Questões etnográficas, culturais e regionais da Amazônia, sempre levando em consideração as características do boi-bumbá e do tema escolhido.

1.5 Matinguari: fenômeno regional e cultura de um povo

Há muito tempo surgiram narrativas sobre o grande e perigoso animal que se esconde na exuberante floresta amazônica do Brasil. À primeira vista parecia um macaco ou talvez uma preguiça gigante e muitos pensaram que era o Pé Grande. Conhecido como Matinguari, a fera gigante tem dois metros de altura e tem pelagem avermelhada madura e longas garras que se curvam para dentro quando rasteja.

⁹ <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132193.pdf> Acesso: 04/05/2023

O Mapinguari costuma ficar rente ao chão, mas quando sobe, revela em seu ventre uma boca de dentes afiados, grande o suficiente para engolir qualquer criatura em seu caminho. Mapinguari (ou mapinguary), também conhecido como Isashi, é uma lendária criatura longa de pele vermelha que vive na floresta amazônica no Brasil e na Bolívia. A história diz que quando o segredo da imortalidade foi descoberto, o xamã se transformou em animal e fede. Destaca-se na região amazônica como seringueiro e caçador predador. Também é dito que a criatura continua sendo o destino dos anciãos nativos.

Os Karitianas um povo indígena de cerca de 320 pessoas que falam uma língua remanescente Arikém de troncos de árvores Tupi e habitam cinco aldeias no norte de Rondônia costumam mencionar em grande número a presença de uma criatura aterrorizante em sua área, eles chamaram de Mapinguari em português. Todo mundo já ouviu falar dessa criatura, e alguns principalmente homens e caçadores podem até contar encontros horríveis com essa criatura aterrorizante à noite nas florestas que cobrem grande parte de suas terras nativas e áreas circundantes.

Possui as seguintes características físicas: altura (cerca de 2m); corpo coberto de cabelo ruivo; apenas um olho grande no centro da cabeça; na área abdominal uma boca grande e dentes afiados; braços longos; e grandes garras nas mãos. Caboclos diz que na floresta morava Mapinguari, um gigante peludo. Os olhos estão na testa e a boca no umbigo. Para alguns, ele está realmente coberto de pelos, mas usa armadura feita de casco de tartaruga, que para outros tem a mesma pele que a pele de tartaruga e crocodilo.

Segundo esta narrativa, alguns índios evoluíram e tornaram-se Mapinguari e passaram a habitar o interior da floresta, passando por apenas viva dentro de casa, sozinho. Algumas pessoas dizem que seus pés têm a forma de retrato de uma mão de pilão. Os chamados do Mapinguari são semelhantes aos dos caçadores, se alguém atender, logo irá ao encontro dos desavisados, e perderá a vida.

Esta criatura é selvagem, nem mesmo um caçador com medo, porque ele pode expandir o aço quando sopra o cano da espingarda. As pessoas ao longo do rio Amazonas contam grandes histórias de batalha entre o Mapinguari e o intrépido caçador. O Mapinguari sempre utiliza toda sua força e truques, os caçadores por sua vez que conseguem sobreviver, geralmente ficam aleijados ou terrivelmente marcados para o resto de suas vidas.

Há quem diga que Mapinguari só passa pela floresta durante o dia, economizando o sono à noite. Ao atravessar a floresta, grita, quebra galhos, derruba árvores e deixa rastros de destruição. Outros dizem que ele apenas aparece em dias santos ou feriados.

Apesar de ser invulnerável, só há uma forma de penetrar no corpo do Mapinguari, e para pará-lo, a solução é bater no seu umbigo. Diz-se que ele é o rei de uma tribo e um guerreiro muito poderoso.

Vários caçadores Karitiana compartilham relatos de encontros reais com o Mapinguari, afirmando que a criatura reside numa caverna situada na Serra Morais. Essa formação rochosa estende-se pelo trecho sudeste da terra indígena e é evitada consistentemente pelos membros da tribo devido à sua natureza perigosa. Cruzar essa região é sinônimo de se expor a um encontro inelutável e fatal com a fera agressiva e antropófaga. Segundo Vander Velden (2016, p. 214) relataram-lhe, por exemplo, em uma conversa, Carlito Roberto e Marinete Karitiana:

Uma vez estávamos caçando e começamos a ouvir espocadas – “pá, pá, pá...” –, e pensamos que era carro, mas não era. De noite às vezes a gente escuta barulho dele espocando [quebrando, arrebrandando] babaçu na mata. Um índio, uma vez, encontrou preguiça gigante no igarapé que passa na roça dele, perto da aldeia [Kyōwã], atirou, o bicho caiu um pouco pra trás, mas não morreu. Este bicho tem pedra no corpo, é de pedra, por isso não adianta atirar, não morre. O Mapinguari come as pessoas, não é bom andar sozinho no mato. Mapinguari vive também na Serra Morais. Ele é invisível, aparece e some; seu dente parece estaca, ele é peludo. Bicho mau, quando sente presença de pessoa, mata e come. Faz zoado como fogo, vira fogo, não pode chegar perto dele.

O bicho da Serra do Morais se transforma em gente quando encontra alguém, conversa com pessoa e depois come seu espírito; a pessoa volta na aldeia, fica doente e morre. Ele também se transforma em outros animais. Se não incomodado, não faz nada, mas ataca se for atrás dele, com as mãos levantadas, como espírito dos mortos [*psam'em*]. Nome dele é *kinda harara*, mas não pode chamar o nome no mato, pois aí o bicho aparece e mata a pessoa. Também é chamado de *owoj*. Quando ele anda, a terra treme. Uma vez ele veio até a aldeia, e todo mundo correu (informação verbal, aldeia Kyōwã, setembro de 2006).

Segundo o folclore brasileiro, Mapinguari era uma personagem temível. Existem várias versões sobre a origem do Mapinguari. A história pode ter se originado com tribos indígenas que vivem na floresta amazônica, alguns acreditam que certos índios de lá, ao atingirem uma certa idade, se transformam neste monstro e passam a viver isoladamente na mata.

A existência de um monstro conhecido como Mapinguari é amplamente documentada em muitos locais da Amazônia. O povo Karitiana, Arikém (Tupí) vive em Rondônia, também falando sobre Mapinguari eles usam o monstro em português, em

sua língua eles o chamam de Owojo ou Kida harara-, relatam encontros horríveis com esta criatura em florestas regionais.

Nesse sentido, se Mapinguari é considerado pela literatura como um exemplo ou folclore, para a tribo Karitiana parece não haver dúvidas sobre sua autenticidade, ou seja, não pode parecer uma crença, mas é um fato desse mundo indígena.

O que pode ser facilmente apreendido no efeito da presença de “bicho” (kida) como Karitiana conceituou: criaturas perigosas na floresta elas possuíam no cotidiano indígena, incluindo a forma como o grupo indígena ocupou e desenvolveu seu território.

Existem várias versões da origem do Mapingari. A história pode vir de povos indígenas e pessoas que vivem na floresta amazônica, alguns acreditam que alguns índios se tornam esse monstro e começam a viver isolados na floresta quando atingem uma certa idade.

A princípio, então, diante de três distintos discursos (que constituem, cada um em sua especificidade, afirmações ontológicas) que versam sobre a figura comumente denominada Mapinguari na Amazônia brasileira, e que se configuram como genuínos “problemas ontológicos” Almeida (2013 *apud Van Der*, 2016, p. 219):

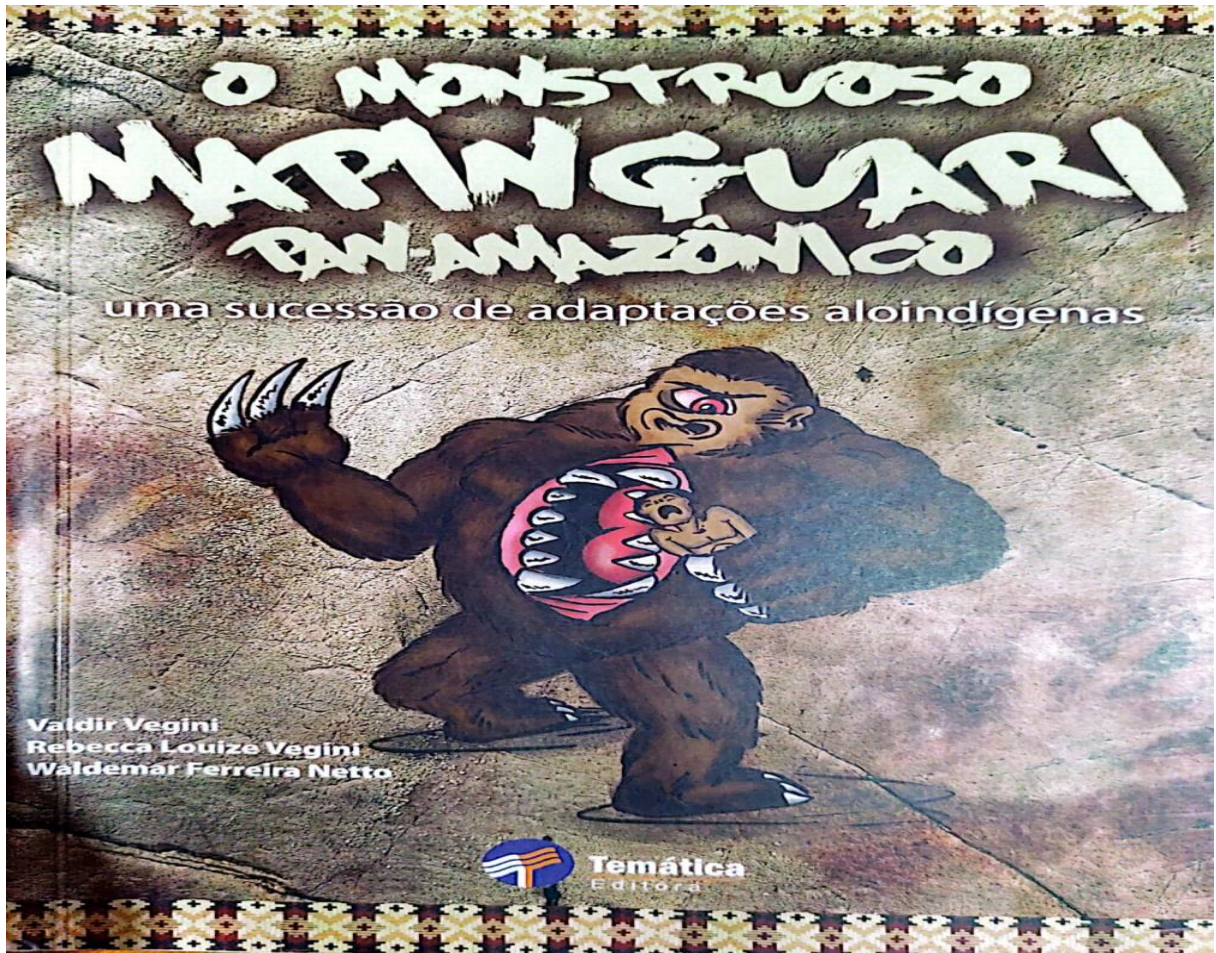
O Mapinguari dos Karitiana, o ser nomeado como, *Owoj Kida harara*, ou, *Kida so'emo*, real habitante das perigosas matas que cobrem a Serra Moraes, nos confins da terra indígena, bicho-monstro-ogro homicida e antropófago com quem os Karitiana por vezes topam em encontros aterrorizantes, que buscam sempre evitar;

O Mapinguari como um bicho-preguiça gigante ou megatério remanescente da fauna pleistocênica da Amazônia, fóssil vivo conhecido apenas pelos habitantes nativos (e antigos), mas escapando renitentemente da observação científica; espécie de imagem mítica de uma realidade científica, parafaseando, de certo modo Sahlins (2008 [1981]);

O Mapinguari como mito, crença ou lenda do folclore pan-amazônico, que não descreve a realidade porque figura apenas no discurso ou imaginário, e pode expressar várias outras coisas – medos ancestrais, terrores atávicos, conforme teoria recorrente sobre monstros e monstrosidades, como comentários culturais, ainda que a contrário, sobre o temor da dissolução da forma (física, psíquica e cultural) humana (Del Priore, 2000), mesmo que nunca expresse um objeto real.

Podemos observar alguns aspectos diferentes do Mapinguari da amazônica no formato da boca, mas a monstrosidade é a mesma em todos que foram vistos de acordo com as narrativas aqui contadas

Figura: 5 o Mapinguari da Amazônica



Fonte: Valdir Vegini (2014)

A civilização oral é um termo utilizado para descrever sociedades que não possuem um sistema de escrita desenvolvido e dependem principalmente da comunicação oral para transmitir conhecimento, histórias e tradições de geração em geração. Nas sociedades orais, a palavra falada é considerada a principal forma de preservar a memória coletiva e transmitir informações importantes. O contexto social da tradição desempenha um papel fundamental na civilização oral. As tradições são passadas de uma geração para outra dentro de uma comunidade específica e são moldadas pelas normas culturais, valores, crenças e práticas dessa comunidade. As narrativas orais, como mitos, lendas, contos e histórias, são frequentemente usadas para transmitir essas tradições e preservar a identidade cultural de um grupo (VANSINA, 1982)

As narrativas orais têm várias funções dentro de uma sociedade oral. Elas podem ser usadas para transmitir conhecimentos históricos, ensinar lições morais, explicar fenômenos naturais, preservar mitos, lendas e narrativas seja ela qual for entreter e fortalecer o senso de identidade coletiva. As narrativas orais são frequentemente memorizadas pelos contadores de histórias e apresentadas em rituais, festivais ou ocasiões especiais. Uma característica importante das narrativas orais é a sua natureza fluida e adaptável. Ao longo do tempo, as histórias podem ser modificadas, adicionadas ou recontextualizadas pelos contadores de histórias para se adequarem às necessidades e interesses da comunidade em evolução. Isso permite que as narrativas orais permaneçam relevantes e significativas para as gerações futuras, mesmo em um contexto em constante mudança (VANSINA, 1982).

A civilização oral é caracterizada pela dependência da comunicação oral para transmitir conhecimento, histórias e tradições. As narrativas orais desempenham um papel central nesse processo, preservando a identidade cultural e transmitindo informações importantes de geração em geração. No entanto, com o avanço da tecnologia da informação, a tradição oral tem enfrentado mudanças e desafios significativos.

2 APORTE TEÓRICO

Algumas teorias que dizem respeito à temática em questão foram apresentadas nesta seção: narrativas, memórias e tradições culturais.

2.1 Narrativas: um ato de viver o passado na imaginação do presente

Uma narrativa é uma manifestação que acompanha uma pessoa desde suas origens, a ação narrativa é a experiência de um personagem como um ser vivo em um tempo e lugar específicos, de maneira ordenada na memória individual ou coletiva. Um texto narrativo possui uma série de elementos que são importantes para o leitor: foco narrativo, personagens, enredo, espaço e tempo. As narrativas são caracterizadas por eventos narrativos. Os textos narrativos podem ser verdadeiros ou verossímeis em ordem cronológica ou psicológica. Dentre os elementos de uma

história destacam-se espaço, tempo, enredo, personagens, narrador, forma, motivo e resultados.

2.1.1 As dez características das narrativas, segundo Bruner

Bruner, psicólogo e pedagogo americano de grande importância hoje, nasceu em 1915 em Nova York. Suas extensas publicações em vários idiomas mudaram os campos da educação, da pedagogia e da psicologia, defensora da constituição sócio-histórica e cultural.

Vê a linguagem como um sistema de significados e uma ferramenta importante na construção de diferentes realidades, incluindo a própria identidade. É importante notar que contar narrativas afeta a forma como uma pessoa entende e apresenta suas experiências, embora contar histórias também crie uma sensação do ambiente circundante.

Aspectos das narrativas de Bruner e as dez características da realidade. Para Bruner (1991) a narrativa trata das vicissitudes das intenções humanas. E como há um número infinito de intenções e inúmeras maneiras pelas quais eles podem se meter em problemas ou assim parece deve haver inúmeras histórias. Diante disso, analisaremos os aspectos das narrativas criadas a partir da história tradicional do personagem Mapinguari.

Quanto à verdade/falsidade das narrativas, Bruner é lapidar ao considerar o seu alcance:

Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar “verossimilhança.” Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas. (Bruner, 1991, p. 4).

Assim, as histórias são uma versão da realidade cuja aceitabilidade é governada apenas pela convenção e pela “necessidade narrativa”, não pela verificação empírica e pela precisão lógica e, ironicamente, não temos obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas, mas as histórias podem alcançar verossimilhança.

Bruner (2002, p. 31) reconhece que abandonar uma única realidade seria um pouco difícil, pois se tenta universalizar todas as decisões antes de chegar a uma conclusão e, portanto, não seria uma atividade fácil já que todo esse planejar de pensamentos se encontra na mente. Esse mesmo teórico (2002, p. 31) reitera que nossos pensamentos estão, por assim dizer, “aqui dentro e nossas conclusões, lá fora”. Com isso o autor descreve o seu processo de construção da realidade, o qual partirá das narrativas. Para esse autor (1991, p. 4), “embora já tenhamos descoberto uma base de como nós construímos e ‘explicamos’ o mundo natural em termos de causas, probabilidades”, não seria suficiente para falar como se concebe a realidade.

No quadro 1, apoiado em Bruner (1991, p. 5-19), destacam-se as 10 características para analisar as narrativas. Através desses elementos, Bruner (1991, p. 5) aponta que são os meios que se “ operam como instrumento mental de construção da realidade”.

Quadro 1. Características de Bruner

1. Diacronicidade narrativa	6. Referencialidade
2. Particularidade	7. Genericidade
3. Vínculos de estados intencionais	8. Normatividade
4. Composicionalidade Hermenêutica	9. Sensibilidade de contexto e negociabilidade
5. Canonicidade e violação	10. Acréscimo narrativo

Fonte: Organizado pela autora, apoiado em Bruner (1991, p. 5-19).

A ideia de que a memória é um fenômeno cognitivo que depende da externalização de qualquer linguagem disponível aumenta a necessidade de uma ferramenta específica e de que a externalização ocorre de determinada forma. Para Halbwachs (1990 *apud* Ferreira Netto, 2008, p. 52) diz que narrativas são ações expressões que, apesar delas, estão sempre se desdobrando no momento presente referências específicas ao passado recente ou distante eles devem ter o poder

coercitivo para persuadir interlocutor, que pode até ser o próprio locutor e que, portanto, devem ser constantemente atualizados.

As histórias são expressões de ação, que, no entanto, sempre abrem referências específicas ao passado próximo ou distante no momento presente, e devem ter uma força vinculante para convencer o interlocutor, que pode até ser o próprio locutor, e portanto devem ser constantemente atualizadas.

Com isso, Batista (2017, p. 55-56) elabora um quadro com os dispositivos que Bruner (1991, p. 5-19) definiu para construir a realidade narrativa:

Quadro 2. Organização dos tipos e características

TIPOS	CARACTERÍSTICAS
1. Diacronicidade narrativa	Segundo Bruner (1991, p. 83), uma história apresenta acontecimentos que se sucedem no tempo, não de acordo com o tempo abstrato ou “relógio”, mas sim de acordo com o “tempo humano” (cf. RICOEUR, 1997, p. 83). subjetivo e, portanto, não corresponde ao pensamento real.
2. Particularidade	Como diz Ferreira Netto (2008, p. 80), características distintivas contribuem para a formação de referências pessoais ou coletivas. Os meios específicos são elementos importantes de interpretação literária (dicionário, personagens, lugares, cenários em que a história se desenrola) escolhidos no tempo ou contexto com referências pessoais ou coletivas.
3. Vínculos de estados intencionais 26/08	Uma narrativa, de acordo com Bruner (1997 p. 89), busca compreender “razões”, e não “causas”, isto é, busca as intenções que estão subjacentes às ações humanas das quais procuram extrair significados da vida cotidiana. Para esse autor, “as razões podem ser julgadas, podem ser avaliadas segundo o esquema normativo das coisas” (BRUNER, 1996, item 2.5.3.2.4, p. 85)
4. Composicionalidade	Toda história bem contada é constituída de suas partes que, relacionadas entre si, formam um todo narrativo coeso e

Hermenêutica	coerente. Bruner (1997, p. 86) chama isso de “círculo hermenêutico” ou “composicionalidade hermenêutica”. Em outras palavras, para esse autor não se pode explicar uma história; tudo que se pode fazer é dar a ela várias interpretações
5. Canonicidade e violação	Para Bruner (1991, p. 84), uma narrativa deve conter um “enredo canônico” que foi quebrado, violado ou desviado
6. Referencialidade	Fonte contextual da qual se extraem as particularidades. A aceitabilidade de uma narrativa, porém, não pode depender de referência estrita à realidade na medida em que isso impediria o seu aspecto ficcional. A “verdade” narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua veracidade (BRUNER, p. 9-10)
7. Genericidade	Os gêneros, para Bruner (1996, item 2.5, p. 81), são “modos culturalmente especializados de focar e comunicar o que se refere à condição humana”, além de ser uma linguagem habilitadora que proporciona o pensamento de forma sui generis (BRUNER, 1991, p. 81)
8. Normatividade	Bruner (1997a, item 2.5.3.2.2, p. 84) observa que as narrativas são construídas apenas quando são violadas pelas crenças constituintes de uma psicologia popular
9. Sensibilidade de contexto e negociabilidade	A “Sensibilidade ao Contexto e Negociabilidade” é uma característica fundamental ao ato de narrar oralmente experiências pessoais, à interação face a face, pois a produção da narrativa depende diretamente do contexto, embora sua interpretação seja negociável e não absoluta. Como afirma Bruner (1997a, item 2.5.3.1.3, p. 82), as realidades humanas resultam de processos prolongados e intrincados de construção e negociação, profundamente imbricados na cultura
10. Acréscimo narrativo	Para Bruner (1991, item 2.5.3.1.4, p. 82), as narrativas produzidas pelo ser humano fazem acréscimos. Nesse sentido, uma história do mundo narrativo é sempre composta de vários eventos, momentos e vivências que vão recebendo

	inclusões no transcurso do tempo
--	----------------------------------

Fonte: Santos (2022).

Embora não associe a história à memória em si, Bruner (1991, pp. 5-19) sugere que o pensamento narrativo funciona como uma ferramenta mental para construir a realidade. Foi assim que o autor definiu as dez características que afetam diretamente o desenvolvimento das narrativas.

Ferreira Netto (2008, p. 53) pega essas características propostas por Bruner (1991) e as divide em dois grupos (quadro 3). Na primeira, elenca as características que influenciam específica e diretamente os elementos da história e os fatos característicos da expressão e seus referentes. Ferreira Netto (2008) considera esta uma característica de baixo nível do grupo. O segundo grupo inclui as chamadas propriedades avançadas, porque se relacionam com a subjetividade dos fatos alegados e, portanto, afetam indiretamente a realidade.

Quadro 3. Organização dos tipos e características

(A) Características de nível baixo:	(B) Características de nível alto:
02- Particularidades;	01- Diacronicidade;
06- Referencialidades;	03-vínculos de estados emocionais;
07- Genericidades;	04-Composicionalidade hermenêutica;
09- Sensibilidade ao contexto e negociabilidade	05-Canonicidade e violação;
10- Acréscimo narrativo.	08- Normatividade.

Fonte: Bruner (1991 *apud* Ferreira Netto, 2008, p. 53).

Nessas características podemos formar dois grupos, um alto e outro baixo. A primeira listar característica que afetam específica e claramente os elementos narrativos e os detalhes da afirmação e suas referências. Ferreira Netto (2008) considera esse grupo de característica baixa. O segundo grupo inclui os chamados recursos avançados, porque dizem respeito à subjetividade dos fatos alegados e, portanto, afetam indiretamente a realidade. Para Bruner (1991 *apud* Ferreira Netto,

2008, p. 53) estes grupos estariam divididos conforme descrito acima. A narrativa escolhida para a elaboração desta pesquisa será analisada pelo nível alto: composição hermenêutica.

Toda história bem contada é composta de partes que, quando interligadas, formam um todo narrativo único e coerente. Bruner (1997, p. 86) chama isso de “círculo hermenêutico” ou “composição hermenêutica”. Em outras palavras, para o escritor aqui, a história não pode ser explicada; você pode simplesmente dar diferentes interpretações

2.2. Memória, cultura e Identidade

Não podemos deixar de citar o conceito de memória na memória de alguns escritores. “A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (Chauí, 2005, p. 138). Le Goff (1924, p. 423) escreve que a memória tem como propriedade “conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A memória humana pode ser definida, de forma elementar, como a capacidade do ser humano de armazenar ideias, informações, impressões e conhecimentos que podem ser recuperados a qualquer instante, ou mesmo, como um espaço onde informações são registradas e conservadas. Os indivíduos, fazem uso da memória a cada momentos da vida, pois são levados a recordar episódios que viveram e ouviram falar.

2. 2.1 A memória humana

O indivíduo por sua vez faz uso da memória a cada ocasião da vida, pois são levados pelas particularidades do cotidiano a recordarem cenas que viveram ou sobre os quais tiveram conhecimento. Dentre as muitas espécies de mamíferos, o ser humano é, sem dúvida, o que possui uma grande capacidade de memorização de informações e, também, o mais capaz de associar as informações memorizadas, de forma a aceitar comportamentos flexíveis diante das mais diversas situações de vida,

o indivíduo, ao nascer, já conta com esta magnífica capacidade em potencial, ao longo da vida, a aperfeiçoa e expande num processo contínuo, pois uma das características mais intrigantes da memória é que, quanto mais usada, maior a quantidade de informações que acumulamos nela, as nossas lembranças e experiências ficam na memória: cheiros, sons, sabores e amores. As imagens, as experiências e nossa própria identidade ficam na memória, podendo ser usadas a qualquer momento que for necessário. A memória humana pode ser estabelecida de forma essencial. Os seres humanos, por sua vez, desde a Grécia antiga, o tema “memória” ocupa um lugar de destaque nas reflexões dos filósofos. Para os gregos, a memória era algo divino, denominada de deusa, a Mnemosyne, que ao passar a noite com Zeus, deu à luz nove musas protetoras das Artes e da História. Elas eram responsáveis por lembrar aos homens os feitos dos grandes heróis (Le Goff, 1990, p. 438; Chauí, (2005, p. 138).

A deusa da memória dava aos poetas e adivinhos o poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais (Chauí, 2005, p. 138).

2.2.2 Memória Individual, Coletiva e Histórica

A memória coletiva é formada por aspectos julgados importantes que são guardados com a memória da sociedade ampla. Halbwachs (1990) estabeleceu três conceitos específicos para a memória: a individual, a coletiva e a histórica. Segundo ele, dessas três memórias a memória individual pode ser original. Esse tipo de memória é fragmentária por não comportar uma reconstituição precisa dos fatos. A memória coletiva seria o resultado da reconstrução da memória individual de um povoado testemunha de um acontecimento que formam o conjunto que se reconstrói uma imagem mais completa dos acontecimentos do passado já a memória histórica é toda documentada para permitir uma memória coletiva e histórica no qual se pensa que foram construídas através da memória individual.

Para Ferreira Netto (2008, p. 30), de maneira geral, na memória individual mais que na coletiva, o enunciador é protagonista, talvez coadjuvante nos eventos narrados. Seu testemunho carrega mais do que a própria descrição do fato, carrega também a sua avaliação emocional dos acontecimentos. Na memória individual

haverá fatos que se repetem entre os vários indivíduos da mesma comunidade, onde se associa pela comunhão de lembranças comuns a todos os membros dessa comunidade. Halbwachs (1990 *apud* Netto, 2008, p.31), refere-se a memória coletiva como séries de datas ou listas de fatos históricos que servem de preferências para a organização das memórias individuais em processo de reconstrução.

A memória coletiva é o resultado da troca verbal de informação entre os indivíduos à medida que promove relatos de experiências pessoais.

A memória histórica é a reconstrução do passado tomando por base os eventos que foram efetivamente documentados e que permitem uma reconstrução exata do passado. A memória coletiva e a histórica, em que pese terem sido construídas a partir de memórias individuais, são mediadas pela conversão da experiência testemunhal em uma outra linguagem e, portanto, estão sujeitas a todo tipo de influência externa no seu estabelecimento (Ferreira Netto, 2008, p. 31).

A memória histórica é a reconstrução do passado em forma documental, que também pode ser limitada à mídia. A memória histórica apresenta com maior precisão o poder explicativo dos fatos; é cumulativo dos primeiros fatos e de outros posteriores, etc.

Ao contrário, as narrativas seguem, cada qual, seu próprio curso, adaptando-se continuamente pelas necessidades do momento e pelas restrições dos indivíduos. Somente as memórias individuais narradas pela testemunha efetiva dos eventos têm referências particulares. No entanto, o próprio evento da enunciação, da criação da narrativa, contribui para a memória coletiva, bem como para sua própria transformação e atualização (Ferreira Netto, 2008, p. 33).

Nesse caso, a memória individual e a sua narrativa correspondente têm vida curta. A enunciação ou seu enunciador não muda o tempo, mesmo que seja reproduzido em outros momentos. A narrativa individual, da experiência pessoal, tende a se voltar para o passado, assim como seu enunciador, agrupando-se às demais narrativas, que permanecem como resíduos na memória coletiva dos indivíduos vivos.

Esse fenômeno estabelece uma contradição, pois o destino de todas as narrativas e seus eventos será sempre o passado. Com as narrativas morrem com seus narradores, o destino das narrativas futuras será idêntico.

2.3 Cultura: um balanço histórico

Neste capítulo faremos um teórico acerca do que é cultura, trazendo o conceito de alguns autores sobre o tema, que nortearam essa pesquisa, além disso, pontuamos algumas vertentes da narrativa.

2.3.1 A cultura humana

A cultura está relacionada a todas as formas de conhecimentos, costumes, crenças, artes e hábitos adquiridos pelo ser humano no convívio familiar na comunidade social e uma forma de costumes coletivo. São muitos os estudos realizados para definir o conceito de cultura, entre eles a antropologia que ao longo do tempo dispõe de algumas definições.

2.3.2 A cultura sob o olhar antropológico

Alguns antropólogos definem cultura, como resultado da criação humana que se modifica com o passar do tempo. Que a cultura condiciona a visão do homem.

Ruth Benedict escreveu em seu livro *O crisântemo e a espada* que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas (Laraia, 2020, p.67).

Homens de culturas diferentes usam instrumentos variados, portanto têm visões desencontradas a cultura para um indígena a floresta amazônica é fonte de alimento quando para alguns pesquisadores é uma fonte de pesquisas diversas da fauna e flora.

Para Kroeber (*apud* Laraia, 2020 p. 48 e 49), a aplicação do conceito de cultura pode ser relacionada nos seguintes pontos: a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Esse processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.

A memória histórica é a reconstrução do passado em forma documental, que também pode ser limitada à mídia. A memória histórica apresenta com maior precisão o poder explicativo dos fatos; é cumulativo dos primeiros fatos e de outros posteriores, etc. Cultura é a história específica da humanidade associada ao aprendizado, à educação, às festas, aos rituais tradicionais, aos modos de vestir, à culinária, às histórias e crenças das etnias, é o resultado de uma história com características

diferentes, cada cultura tem sua percepção e avaliação e para isso é necessária uma estrutura que imponha uma cultura à outra.

Para Santos (2006, p. 27) “cultura é uma palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino colere, que quer dizer cultivar (...). Os romanos antigos converteram esse significado para refinamento pessoal”.

Cada cultura tem a sua verdade, refere-se aos conhecimentos, ideias e crenças de um povo, que cada cultura tem a sua verdade, diversidade e outras formas de dominação entre o homem e a natureza.

O conceito de cultura, tal como o conhecemos hoje, tem raízes que vão além da palavra grega paidéia, que designa, embora não exatamente, o conceito de “civilização, tradição, literatura ou educação como tal” um desenvolvimento, uma formação ideológica básica” e desenvolvimento, conquistas humanas na sociedade”. Segundo Cucho (1999, p. 20), o termo cultura, a partir do século XVIII, liberta-se de seus complementos e passa a designar a formação e a educação do espírito. Ou seja: se o sujeito tem alguma formação acadêmica ou está inserido no meio acadêmico, terá, em si, cultura. Cucho (1999, p. 21):

“Cultura” evoca principalmente os progressos individuais, “civilização”, os progressos coletivos. Como sua homóloga “cultura” é pelas mesmas razões, “civilização” é um conceito unitário e só é usado então no singular. Ela se liberta rapidamente, junto aos filósofos reformistas, de seu sentido recente [...] que designa o afinamento dos costumes e significa para eles o processo que arranca a humanidade da ignorância e da irracionalidade.

Cucho detalha que sincronicamente o termo cultura passa por outras transformações ligando-se ao conceito de civilização, tanto individual como coletiva

Já Taylor (1958, p. 14 *apud* Laraia, 2003, p. 25), observa que o vocábulo cultura é “tomado em seu amplo sentido etnográfico é esse todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem”. A partir da definição do termo cultura, Taylor permitiu a extensão de uma palavra para uma série de outras palavras, dando às pessoas a capacidade de realizar diversas atividades, além de causar forte impressão nas características culturais de sua química acadêmica (Laraia, 2020, p.45), Este escritor afirma que “o homem é o resultado do ambiente cultural em que é socializado. Ele é o herdeiro de um longo processo de acumulação, refletindo o conhecimento e a experiência de muitas gerações antes dele.” Com base nisso, percebemos que o indivíduo é uma construção baseada no espaço em que vive. Nesta pesquisa, foi

utilizado o conceito de cultura, de acordo com Laraia (2020, p. 25), foi definido a primeira vez pelo inglês Edward Tylor (1832-1871), inclui conhecimentos, crenças, artes, leis, costumes ou quaisquer outras habilidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. O conceito de cultura começou com Tylor e, no século 20, os antropólogos acreditavam que a cultura seguia caminhos diferentes como a alimentação, a vida sexual, coisas comuns a todos, mas de uma forma diferente e criava uma entidade cultural.

Também utilizaremos o conceito de cultura em relação à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a povos individuais, nações, sociedades e grupos de pessoas (Santos, 1996, p. 10):

A cultura contemporânea está presente nos dias atuais é o resultado da união de outros povos e cultura, pode aparecer características diferentes e critérios de avaliação que para estrutura, ser construída é necessário que uma cultura se ponderar a outra. A cultura que se relaciona as festas, cerimônias tradicionais às lendas e crenças de um povo.

A cultura é apresentada com vários sentidos, inclusive com o sentido de sociedade. Para Santos (1996, p. 23-24), por exemplo, cultura "... remete a todos os aspectos de uma realidade social" e diz respeito "... a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade", cada povo teria o direito e modos diferentes de organizar a vida social.

A partir de Laraia (2020, p.17), observamos que cultura se refere à humanidade, a grupos de pessoas. Cada cultura tem sua própria história com uma cultura diferente com diferentes características, avaliações e características sociais de um povo. A cultura tem um conceito antropológico, pois influencia o comportamento humano, pelo que as diferenças culturais não são determinadas por diferenças genéticas. Se levarmos uma criança sueca para o Brasil imediatamente após o nascimento e a colocarmos aos cuidados de uma família sertaneja, ela crescerá como uma criança e em espírito não será diferente de seus irmãos e irmãs de criação.

Cada ser humano tem suas particularidades cada ser adquirir hábitos de acordo com a sua convivência cultural.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS

3.1 Método

Demonstro os procedimentos utilizados para coletar dados que formam o corpus deste estudo, organizados a partir das narrativas do personagem Mapinguari. Justifico essa escolha pelo desejo de conhecer as narrativas do Mapinguari original e seus homônimos, vivenciadas por pessoas que vivem nas diversas regiões do Brasil, considerando a valorização da cultura de um determinado grupo.

3.1.1 Tipo de pesquisa e abordagem

Aqui são delineados os tipos de pesquisa e métodos mais adequados para a implementação desta pesquisa, que descrevem o método de coleta de dados e em seguida o método de análise.

Para Gil (2008) “Etimologicamente, ciência significa conhecimento”. O método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos aplicados para atingir o conhecimento, para isso é necessário determinar o método que proporcionou a chegada ao conhecimento. Abaixo os principais métodos de pesquisa utilizados nesta dissertação: pesquisa qualitativa, pesquisa exploratória, bibliográfica.

Os métodos adotados para a execução desta dissertação de mestrado foram fenomenológicos o etnolinguístico os dois com abordagem qualitativa. No primeiro, conforme Gil (2008, p.14), “o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. [...] permitir estudar como o conhecimento do mundo é construído para cada pessoa, ou seja, a realidade [...]”. Assim, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as interpretações e comunicações. O objeto de conhecimento fenomenológico não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito. O sujeito é reconhecido como parte importante no processo de construção do conhecimento. Do ponto de vista fenomenológico, a realidade não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado como um conhecimento que privilegia explicações em termos de causa e efeito.

O método fenomenológico, tal como foi apresentado por Edmund Husserl (1859-1938), propõe-se a estabelecer uma base segura, liberta de

proposições, para todas as ciências. Para Husserl, as certezas positivas que permeiam o discurso das ciências empíricas são “ingênuas”. (Gil, 2008, p.14).

O primeiro é definido por Lima Barreto (2010), que toma por base estudos de Coriseu (1978). Nesse sentido, Lima Barreto (2010), conceitua a etnolinguística como a relação dos fatos linguísticos determinados pelos saberes acerca das coisas, a etnolinguística, procura estabelecer relação entre a linguagem a característica universal do homem que está relativamente ligada à cultura. Em virtude disso, utilizou esse método para relacionar o uso da língua e cultura na caracterização da construção da realidade do sujeito. E a exploratória, que é definida por Gil (2008, p. 27), como a que tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. É considerada como uma pesquisa que apresenta menor rigor no planejamento, conseqüentemente, possibilita maior entendimento e familiaridade com o problema investigado, constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla. O item, de cunho bibliográfico, é estabelecido por Magalhães (2002, p. 14) como “registro disponível, quando elaborada a partir de materiais já publicado, e atualmente com material disponível na Internet”, no caso em documentos impressos como livros, artigos, teses etc. O terceiro tipo de pesquisa adotado aqui é de caráter documental. Esta é classificada por Magalhães (2002, p. 14) da seguinte forma: “quando elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico”, documentos que servem como fonte incluem não só impresso, mas também formas como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais disponíveis na internet.

3.2 Técnicas e procedimentos

Diante disso, a abordagem metodológica adotada para desenvolver esta pesquisa ocorreu em duas fases, a saber, pesquisa bibliográfica exploratória e documental.

Para a análise aspectos linguísticos narratológicos baseando se nos níveis da narrativa altos e de nível baixo de Ferreira Netto (2008), apoiado por Bruner (1991). Esses níveis foram escolhidos porque teoricamente conduzem à realidade do narrador. A seleção das histórias segue esse padrão, dividida em três células (A), identificadas pelo personagem Mapinguari tradicional, e (B, C, D) pelo personagem homônimo Mapinguari. As células são então incluídas na análise temática.

3.2.1 Pesquisa bibliográfica

O primeiro passo é selecionar leituras, artigos científicos e dissertações. Com base neste levantamento, foi realizado um estudo detalhado para verificar as características segundo (Bruner, 1997; Ferreira Netto, 2008) e trace as peculiaridades dos traços do Mapinguari, bem como suas semelhanças e diferenças. Para servir de base científica para este estudo, foram selecionados alguns escritores que publicaram trabalhos e livros relacionados à memória, cultura e pesquisas narrativas, e para completar foram realizadas pesquisas nas obras de historiadores que escreveram sobre a Amazônia, Parintins, Rondônia, Porto Velho, Guajará Mirim, Acre e Vila Custódio.

3.2.2 Etapa da coleta de dados

Foram selecionados quatro narrativas, sendo duas com a narrativa tradicional do personagem Mapinguari e outros dois adequados para crianças e adolescentes. A divisão das histórias de acordo com esses critérios, é dividida em células, cada linha é numerada primeiro para facilitar a localização dos resultados da narrativa de cada personagem, durante o processo de análise, a comprovação e cotejamento entre teoria e os dados observados (Ferreira Netto, 2008, p. 53; Vegini, 2014/15 – em seus slides apresentados em sala de aula). Além disso, os eventos contidos nas sentenças narrativas apresentadas pelas quatro narrativas do personagem Mapinguari na intenção de mostrar os pontos convergentes e divergentes, as similaridades e as dissimilaridades entre as narrativas.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

As discussões e análises são expostas partindo dos critérios explicados na seção 3.2 e constituídas pelas seguintes categorias: aspectos linguísticos narratológicos, aspectos culturais.

Corpus de análise das personagens

Similaridades	Dissimilaridades
A	B, C, D

Figura :04 Os adjetivos do personagem Mapinguari

(A) A narrativa tradicional: O Mapinguari	
1	Monstro da Amazônia;
2	Demônio do mal;
3	Não tem utilidade;
4	Mata sempre para comer;
5	Homem agigantado;
6	Cabelos negros e longos;
7	Recobre todo o corpo;
8	Unhas em forma de garras
9	Vulnerável no umbigo;
10	Não anda durante a noite;
11	Anda na mata emitindo berros altos, soltos, curtos;
12	Habita a floresta;
13	Boca rasgada do nariz ao estômago;
14	Boca, num corte vertical;
15	Lábios rubros estão sujos de sangue;
16	Grande braço atlético;
17	Predileção pela cabeça das vítimas;
18	Arranca a carne de suas vítimas;
19	Em largo pedaços;
20	Teria surgido da transformação de um índio velho;
21	Pés são virados para trás[opistopode];
22	E redondos [hipopode];

23	Percorre a mata nos dias santos e domingos;
24	Reina na vastidão amazônica pelo prestígio do medo;

Fonte: Luís da Câmara Cascudo {1898-1986, (2002)}, p. 222 e 223

Figura: 05 Os adjetivos do personagem: A lenda, o Mapiinguari

(B) A versão da narrativa infantil: A lenda	
1	Bicho mais temido da floresta;
2	Enorme gigante, peludo;
3	Ao ver sua aparência na água chorou de tristeza;
4	Passou a viver intensamente pela floresta;
5	Só um olho na testa;
6	Isso causo muito assombro aos invasores de tristeza;
7	De repente, aquele monstro se transformou novamente em um belo índio;
8	Fantástico herói;

Fonte: Enilson Amorim (2009, p. 26).

Figura: 06 Os adjetivos do personagem Mapiinguari: Cleo e o Mapiinguari

(C) A versão da narrativa infantil: Cléo e o Mapiinguari	
1	Criatura enorme
2	Toda peluda;
3	Bicho preguiça gigante;
4	Aparência assustadora;
5	Braço longo e peludo;
6	Monstruoso;
7	Não metia medo;
8	Parecia triste que até dava pena;
9	Vivo na floresta;
10	Nosso trabalho e proteger a mata contra os caçadores;
11	Tem medo dos monstros;
12	de latas;
13	O grande Mapiinguari era ainda mais assustador que o filho;
14	Tão carinhoso;

Fonte: Saulo Ribas e Xavier Bartaburu (2013).

Figura: 07 Os adjetivos do personagem: O Mapinguari

(D) A narrativa: Mapinguari	
1	Figura de um caboclo gigante, três metros de altura;
2	Pés espalhados;
3	Braços enormes;
4	Anda nu;
5	Corpo azeitão e pelado e liso, sem menor arranhão de mato;
6	Cabelo só tem na cabeça, curto e ruivo;
7	Orelhas pontudas;
8	Come carne viva
9	O gosto dele é morde na carne quente;
10	Sentir o sangue esguichar;
11	Come guariba e outros macacos;
12	Comida predileta é mesmo gente
13	Fata carne de homem come de bicho mesmo;
14	Imita pio de pássaro;
15	Voz humana, fala fininha esquisita;
16	Bruto;
17	Arrancava uma dentada, um naco da cara, orelha, uma lasca do peito;

Fonte: Rachel Queiroz (1989).

SIMILARIEDADE

(A) Mapinguari tradicional	(B) A lenda	(C) Cleo e o Mapinguari	(D) O mapinguari
Monstro da Amazônia; Habita a floresta;	Bicho mais temido da floresta; Passou a viver intensamente pela floresta;	Vivo na floresta;	
Homem agigantado;	Enorme gigante, peludo;	Criatura enorme; Toda peluda;	Figura de um caboclo gigante, três metros de altura;
Grande braço atlético;		Braço longo e peludo;	Braços enormes;
Mata sempre para comer;			O gosto dele é morde na carne quente;

Anda na mata emitindo berros altos, soltos, curtos;			Imita pio de pássaro; Voz humana, fala fininha esquisita;
Predileção pela cabeça das vítimas; Arranca a carne de suas vítimas; Em largos pedaços;			Arrancava uma dentada, um naco da cara, orelha, , uma lasca do peito;

DISSIMILARIDADE

(A) Mapinguari tradicional	(B) A lenda	(C) Cleo e o Mapinguari	(D) O mapinguari
Demônio do mal;	Ao ver sua aparência na água chorou de tristeza;	Bicho preguiça gigante;	Anda nu;
Não tem utilidade;	Só um olho na testa;	Aparência assustadora;	Corpo azeitão e pelado e liso, sem menor arranhão de mato;
Mata sempre para comer;	Isso causo muito assombro aos invasores de tristeza;	Monstruoso;	Cabelo só tem na cabeça, curto e ruivo;
Unhas enforma de garras	De repente, aquele monstro se transformou novamente em um belo índio;	Não metia medo;	Orelhas pontudas;
Vulnerável no umbigo;	Fantástico herói;	Parecia triste que até dava pena;	Come carne viva
Não anda durante a noite;			

Unhas enforma de garras		Nosso trabalho e proteger a mata contra os caçadores;	Sentir o sangue esguichar;
Vulnerável no umbigo;		Tem medo dos monstros;	Come guariba e outros macacos;
Não anda durante a noite;		de latas;	Comida predileta é mesmo gente
Unhas enforma de garras		O grande Mapiinguari era ainda mais assustador que o filho;	Fata carne de homem come de bicho mesmo;
Vulnerável no umbigo;		Tão carinhoso;	Bruto;
Boca rasgada do nariz ao estômago;			
Boca, num corte vertical;			
Lábios rubros estão sujos de sangue;			
Teria surgido da transformação de um índio velho;			
Pés são virados para trás[opistopode];			
E redondos [hipopode];			
Percorre a mata nos dias santos e domindo;			
Reina na vastidão amazônica pelo prestígio do medo;			

4.1 Composicionalidade Hermenêutica

Toda narrativa bem contada é composta de partes que, quando interligadas, formam um todo narrativo único e coerente. Bruner (1997, p. 86) chama isso de “círculo hermenêutico” ou “composição hermenêutica”. Em outras palavras, para este escritor a história não pode ser explicada; você pode simplesmente dar diferentes interpretações.

De acordo com Todorov (2017, p.106), diz que: “ a organização da narrativa se faz, pois, no nível da interpretação e não no dos acontecimentos a interpretar”.

Neste conceito, as narrativas: (A), (B), (C) e (D), por trás da definição de narrativas constituídas em diversas variantes, que também procedem da configuração do texto narrativo. Isto sugere uma sistematização teórica entre as categorias de análise narrativa e aspectos da teoria interpretativa do sentido literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta tese foi colocado o objeto de pesquisa “Uma narrativa do personagem Mapinguari tradicional e homônimo infantojuvenil”, cujo objetivo geral é analisar as histórias a fim de retirar delas aspectos de cultura e memória. Em um segundo momento as características das narrativas citada por Bruner (1997) e repetida por Ferreira Netto (2008). Para atingir esse objetivo, foi desenvolvido um amplo estudo bibliográfico para criar um diálogo entre memória, cultura e estudos narrativos. Tendo isso em vista, o objetivo geral da dissertação foi o de analisar, o de investigar e o de comparar aspectos similares e dissimilares da personagem Mapinguari por meio de narrativas. Para tanto, a princípio, foi feito um levantamento histórico documental sobre a essa narrativa de como deu se a origem e onde habita este personagem. Isso viabilizou traçar os aspectos culturais, que são demonstrados atualmente na região Norte, no estado do Acre/ Vila Custódio, nas cidades de Guajará Mirim Rondônia e em Parintins-Amazonas.

E através dos objetivos específicos, compreender os conceitos de narrativa, memória e cultura, que podem ser obtidos com base em bibliografias atuais e pesquisas de autores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras, além de outros autores de referência e outros autores de referência. Compare as narrativas do personagem Mapinguari encontradas nos ambientes das cidades do

Estado de Rondônia, Acre e Amazonas, destacando as similaridades e dissimilaridades em termos de elementos narrativos, como personagens, enredo, cenários e valores culturais retratados nos elementos da história, como personagens apresentados, enredo, cenários e valores culturais apresentados. Investigar as variações regionais das narrativas do Mapinguari nas cidades e estados de Rondônia, Acre e Amazonas, relacionando essas diferenças com as particularidades culturais e históricas de cada região, a fim de compreender como o contexto local influencia na construção dessas narrativas tradicionais.

Com base no cenário e valores culturais retratados nos elementos da narrativa do personagem Mapinguari, é possível concluir que a investigação e as variações regionais das narrativas do Mapinguari nas cidades dos estados de Rondônia, Acre e Amazonas, relacionando essas diferenças com as particularidades culturais e históricas de cada região, construída por pessoas nascidas nesta terra, mas também por imigrantes que aqui chegaram (os cearenses) que vieram nos ciclos de colonização do antigo Território do Guaporé. Em um desses ciclos, da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré imigrantes conseguiram retornar; já outros, permaneceram, partilharam sua cultura diversificada, construído as narrativas do personagem Mapinguari, capelobo, pai da mata, curupira, levando, medo, terror, pânico entre a população ribeirinha, seringueiro indígenas e outros que habitavam na floresta ouviram a narrativa do Mapinguari e outros na noite de luar

Há que se reconhecer, no entanto, que estudos mais aprofundados precisam ser realizados para confirmar ou refutar as reflexões apresentadas neste trabalho, tornando-se isso motivo para o começo de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Samuel; FERREIRA, Leandro Valle; VENTICINQUE, Eduardo. O desmatamento na Amazônia e a importância das áreas protegidas. Dossiê Amazônia Brasileira. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, 2005.
- ANSELMINI, Renato Vandelei. **Amazônia: uma abordagem multidisciplinar**, ilustrações PEDROSO, Maria Angélica – São Paulo: Icone, 2006
- AMORIM, Enilson. **Mapinguari: a lenda**. Rio Branco: SESC, 2009.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BARIANE, Walter de oliveira. **A Morte do Mapinguari**, Porto Velho: Ed. do autor, 2012.
- BATISTA, José Freitas. **Narrativas poético-amazônidas na dromologia do carnaval carioca e paulista**: Indianismo, folclorismo e africanidades religiosas. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.
- BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, 1991.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.
- BRUNER, Jerome. **Realidade mental: mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.
- CARNEIRO, José Vandelei. **Hermêutica e narratologia: por uma redefinição da narrativa à luz do pensamento contemporâneo**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2017. P.144
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte, MG: Boa Viagem, 2018.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros para jovens**. 3 ed. São Paulo: Global, 2002.
- CARNEIRO, José Vanderlei. **Hermenêutica e Narratologia: por uma redefinição da narrativa à luz do pensamento contemporâneo**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.
- COSERIU, Eugênio. **Fundamentos e tarefas da Sociolinguística e da Etnolinguística**. I CONSEL. João Pessoa, 1978.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

GOMES, Letícia Vilarinho; NASCIMENTO, Mayara Glória Rael de Oliveira. Festival Folclórico De Parintins: Uma Análise Teórica Das Influências Culturais Indígenas. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT*. 17., 2021, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132193.pdf>. Acesso em: 4 maio 2023.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

FOLCLORE DE GUAJARÁ-MIRIM. Disponível em: <https://www.visiteobrasil.com.br/norte/rondonia/folclore/conheca/folclore-de-guajaramirim> Acesso em 10 de janeiro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 445-476, 2003.

GONÇALVES, Marco Antônio. **O mundo inacabado: ação** e criação em uma cosmologia amazônica. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2001.

GOULET, Jean-Guy; MILLER, Bruce (Org.). **Extraordinary anthropology: transformations in the field**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2007.

GUERREIROS MURA. Mapinguari. *In: LETRAS.MUS*. Belo Horizonte, c2022. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/guerreiros-mura/mapinguari/>. Acesso em: 17 out. 2022.

HANCOCK, Graham. **Sobrenatural: encontros com os antigos mestres da humanidade**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Les Presses Universitaires de France, Nouvelle Édition, 1925.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LIMA, Abnael Machado. **Terras de Rondônia Geografia Física E Humana**. 3ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. Etnolinguística: Pressupostos e tarefas. **P@rtes**, São Paulo, 2 jul. 2010. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2010/07/02/etnolinguistica-pressupostos-e-tarefas/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

MACHADO, Abmael. **Pequeno ensaio sobre as lendas e folclore de Rondônia**, Porto Velho, 1987.

MAGALHÃES, Luzia Eliana Reis; ORQUIZA, Liliam Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**: Elaboração de Trabalhos. Curitiba: FESP, 2002.

MEIRELLES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 4. Ed. São Paulo: Global, 2016.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **História Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia**. 5. Ed. Porto Velho: Dinâmica Editora, 2003.

SANTOS, Mauricio Neves. **Entre-Lugares e Narrativa**: A construção da realidade, identidade e memória de um imigrante japonês na Amazônia brasileira. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2022.

PARQUE Nacional do Mapinguari nos Estados do Amazonas e Rondônia. *In*: KLIMANATURALI. [s.l.], [s.d]. Disponível em: <http://www.klimanaturali.org/2011/06/parque-nacional-do-mapinguari-amro.html> Acesso em: 10 jan. 2023.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução, **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307674478_A_pesquisa_narrativa_uma_introducao. Acesso em: 03 jan. 2022.

QUEIROZ, Rachel de. **Mapinguari**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 [1972].

RANZI, Alceu. **Paleontologia da Amazônia**: mamíferos fósseis do Juruá. Rio Branco: M. M. Paim, 2008. Acesso em: 6 out de 2022.

RANZI, Alceu. **Paleoecologia da Amazônia**: megafauna do pleistoceno. Florianópolis: EdUFSC, 2000.

RIBAS, Saulos; BARTARBURU, Xavier. **Cléo e o Mapinguari**. 1ª ed. São Paulo: Bamboozinho, 2013.

RIBEIRO, Ailton A. da Silva; COTINGUIBA, Marília L. Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Cultura: uma abordagem sobre a origem do conceito. *In*: AMARAL,

N. F. G; COTINGUIBA, M. L. P; SAMPAIO, S. M. G. **Linguagens, Identidades e Pluralidade Cultural**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. São Paulo: EdUnesp, 2014. Acesso em: 6 out de 2022.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Mauricio Neves, Entre Lugares e Narrativa: A construção da realidade, identidade e memória de um imigrante japonês na Amazônia brasileira, 2022

SERAFIM, Antônio. **O broto e o boto**. Ji-Paraná: ABG, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA JÚNIOR, José Gadelha; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. Linguagem e identidade cultural dos ribeirinhos: uma questão de desterritorialização. In: AMARAL, Nair. F. Gurgel; COTINGUIBA, M. L. P; SAMPAIO, S. M. G. **Linguagens, Identidades e Pluralidade Cultural**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015.

SOUZA, Fabiano José Alves de. **Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas**: descortinando o movimento das puxadas de rama. 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o Mapinguari no sudoeste amazônico. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 1, p. 209-224, jan.-abr. 2016.

VANSINA, J. La tradición oral: essai de méthode historique). Barcelona/ES: Editorial Labor S.A., [1982] 2010, p. 1.

VEGINI, Valdir; VEGINI, Rebecca; FERREIRA NETTO, Waldemar. **O monstruoso Mapinguari pan-amazônico**: uma sucessão de adaptações aloindígenas. Porto Velho: Temática, 2014.

VEGINI, Valdir; VEGINI, Rebecca. O gigante monstruoso mapinguari e a solidez dos narratemas da tradição. **Revista Sustentabilidade Organizacional**, Porto Velho, v. 2, n. 1, p. 1-13, fev.-jul. 2015a.

VEGINI, Valdir; VEGINI, Rebecca. **O mapinguari e o megatério**: entre o significado múltiplo e o propósito único. In: CONGRESSO MÉTODOS FRONTEIRIÇOS: OBJETOS MÍTICOS, INSÓLITOS E IMAGINÁRIOS, 1., 2015, Porto Velho. **Anais [...]**. Porto Velho: Unir, 2015b. Sem paginação.

Fonte: Foto tirada pelos autores deste livro - Junho de 2021.

APÊNDICES

Figura: 07

(A) A narrativa tradicional: Mapinguari
<p data-bbox="264 577 435 607">MAPINGUARI</p> <p data-bbox="226 689 1409 1675"> O Mapinguari é o mais popular dos monstros da Amazônia. Seu domínio estende-se pelo Pará, Amazonas, Acre, vivificado pelo medo duma população infixa que mora nas matas, subindo os rios, acampando nas margens ignotas das grandes águas sem nome. Caçadores e trabalhadores de todos os misteres citam o Mapinguari como um verdadeiro demônio do Mal. Não tem utilidades nem vícios cuja satisfação determine aliança momentânea com os cristãos. Mata sempre, infalivelmente, obstinadamente, quem encontra. Mata para comer. Descrevem-no como um homem agigantado, negro pelos cabelos longos que o recobrem como um manto, de mãos compridas, unhas em garra, fome inextinguível. Só é vulnerável no umbigo. Esse lugar é clássico para a morte dos monstros. É o sinal do seu nascimento, de sua triste e melancólica condição mortal. Só se articula aos viventes pela cicatriz umbilical que o unifica à imensa família dos que vivem na Terra. O Lobisomem também, em certas paragens, pode ser abatido pelo umbigo. O Mapinguari, ao contrário de outras entidades fabulosas, não anda durante a noite. Durante a noite, dorme. O perigo é de dia, o dia penumbra no meio das florestas com a luz do Sol fazendo-a macia e tênue. Na obscuridade dos troncos disformes o Mapinguari se destaca, bruscamente, para atacar e ferir. Mas não avança silencioso como seria preciso e lógico. Vem berrando alto, berros soltos, curtos, altos, atordoadores. De longe os homens ouvem seus apelos terríveis. E fogem. O Mapinguari se faz anunciar como pedindo a condição da coragem para um encontro supremo. Esses gritos roucos e contínuos explicam rumores que a floresta produz e não confia justificção. Ignorantes dos mistérios da repercussão, da refração e da difusão das ondas sonoras, os homens da mata entregam ao Mapinguari o direito de constituir o produtor do inexplicável como, nos velhos séculos coloniais, Curupira, batendo nas árvores, Mboitatá enroscando-se em fogo nas relvas, Anhangá galopando com os olhos coruscantes, Caapora guiando a manada de porcos caetetus, meneando o galho de japecanga como um bastão de marechal. </p> <p data-bbox="226 1704 1409 1957"> Qual seria a origem do Mapinguari? Não parece antiga porque seu nome está ausente dos cronistas. Aparece com relativa modernidade mais comumente nas narrativas dos seringueiros, nas recordações dos recém vindos da Amazônia Stradelli, tão minucioso, Tastevin, não registram sua Magalhães, que o evocava como sendo um grande homem, coberto de pelos negros por todo corpo e cara, montado, sempre em um grande porco de dimensões exageradas, tristonho, taciturno, e dando de quando em vez um grito para impelir a vara. </p> <p data-bbox="226 1973 1409 2063"> O Caapora de Gonçalves Dias era um índio anão. O Mapinguari, evidentemente, um Caapora desfigurado, despido de alguns elementos que outrora positivavam sua atividade. Guarda a estrutura, o grito, o corpo vestido de pelos. E </p>

ainda o hábitat florestal, continuando a ser um mito das matas, conhecido especialmente pelos que nela vivem.

Do africano Quibungo, o Mapinguari tem a posição anômala da boca, rasgada do nariz ao estômago, num corte vertical cujos lábios rubros estão sujos de sangue. Num depoimento que colhi, o Mapinguari está com os pés tornados cascos e pisando ao avesso como o Curupira e os Matuiús do padre Cristóvão de Acunha. Quando apanha um caçador, mete-o debaixo do grande braço atlético, mergulha lhe a cabeça na imensa abertura da bocarra e masca o, isto é, come-o aos poucos, mastigando-o lentamente, remoendo. No conto de J. da Silva Campos, o Mapinguari arranca a carne de sua vítima em largos pedaços.

Noutro ponto distancia-se do Lobisomem. Não há notícia de alguém se poder tornar Mapinguari. O sr. Mário Guedes informa ter ouvido de um tuxaua (chefe indígena) que o Mapinguari era o “antigo rei da região”. Em que critério seria dada a informação? Seria um grande chefe metamorfoseado em Mapinguari? Mas se há essa lenda, o tuxaua só tomou a nova encarnação depois de morto. O Mapinguari é uma forma definitiva.

Fonte: Mapinguari/ Cascudo, Luís da Câmara, 2002 p. 222 e 223

Figura :08

(B) Aversão da narrativa infantil: Mapinguari a lenda

A lenda

Há muitos anos atrás habitava numa ilhazinha as margens do rio Juruá uma tribo que se chamava BUANÃ onde todos viviam em constante alegria. Além das festas e comemorações culturais daquele povo, havia nascido um indiozinho chamado Manauá. O menino era o encanto e alegria daquela tribo. Um certo dia o cacique da tribo convidou Manauá e Cunhaporá, para lhes contar uma história. Ele contou que, há muito tempo um indiozinho havia desrespeitado a lei da tribo ao passar da meia-noite pescando às margens do rio Juruá. Por haver desrespeitado a lei, foi lançado um encanto sobre aquele indiozinho, que sumiu dentro da floresta amazônica sem nunca mais aparecer. Quando o velho índio terminou de contar, Manauá perguntou se ele poderia pescar no rio. O patriarca da tribo respondeu dizendo que ele poderia, mas somente antes da meia-noite. Manauá era um indiozinho pescador, que costumava pescar as margens do rio Juruá juntamente com sua amiguinha Cunhaporá. Uma bela noite, Manauá esqueceu do horário e do que o cacique havia falado. Quando de repente apareceu uma enorme cobra que emergiu do rio. Sua amiguinha Cunhaporá logo correu desesperadamente, mas Manauá ficou, pois era um índio muito corajoso. Ficou surpreso ao ver aquela enorme cobra falando. A cobra esperta e cheia de muita maldade perguntou por que ele havia quebrado a lei da tribo. Manauá lembrou do que o amigo índio havia falado naquela noite, mas já era tarde. A malvada cobra continuou falando que daquele dia em diante ele seria o

bicho mais temido da floresta e aquela maldição só abandonaria seu corpo se ele praticasse alguma bondade. Ao terminar o tenebroso diálogo a cobra mergulhou de volta às profundezas do rio, deixando com o indiozinho a maldição do Mapinguari. E como em passe de mágica aquele indiozinho tão charmoso se transformou no mais temido bicho da floresta. Ao ver sua aparência refletida na água chorou de tristeza. Ao regressar para sua tribo todos corriam com muito medo daquele bicho pelo peludo. O indiozinho percebeu que ali não era mais o seu lugar. E passou a viver intensamente pela floresta. Os anos se passaram e como toda criança sua amiguinha Cunhaporá cresceu e se tornou uma bela índia. Mas ninguém sabia o que havia acontecido ao índio Manauá.

Até que um dia, alguns homens maus tentaram invadir aquelas terras e destruir a riqueza daquele povo. E naquele momento surgiu no meio da floresta um enorme gigante, peludo e com um só olho na testa. Isso causou muito assombro aos invasores. Fugindo todos eles da aldeia. De repente aquele monstro se transformou novamente em um belo índio. Cheio de muito espanto o cacique percebeu que era Manauá que havia sido desencantado. Reconhecendo o seu heroísmo, o velho cacique fez uma grande festa para receber o índio Manauá de volta. Mas a alegria da festa não foi suficiente para alegrar Manauá que há muito tempo não via. Após a festa, todos da tribo lhes fizeram uma surpresa, fazendo o casamento de Manauá com Cunhaporá. O casamento deles foi uma linda festa cheia de muita dança e alegria, vivendo os dois felizes para sempre.

Fonte: Mapinguari a lenda Amorim, Enilson (2009, p.26).

Figura: 09

(C) A versão da narrativa Infantil: Cléo e o Mapinguari

Cléo e o mapinguari

Cléo tinha um segredo que ninguém sabia. Nem seus pais, nem seus amigos da escola.

Um segredo que era só dela. Cléo tinha um rabo de jacaré. Aparecera do nada. Um belo dia, ela acordou e viu que um rabo bem cascudo havia crescido em suas costas. Sem saber o que fazer com ele, Cléo passou a escondê-lo. Todo dia, antes de sair para a escola, ela o prendia com um barbante e vestia uma saia comprida, para que ninguém pudesse vê-lo. Cléo morria de vergonha do seu rabo de jacaré. Cléo tornara-se uma menina solitária. Seu lugar preferido agora era um parque que ficava perto da sua casa. Ela se sentia bem lá. Passava as tardes estudando e descansando, embaixo de uma árvore, longe dos olhos do mundo

Um dia, porém, Cléo descobriu que não estava tão sozinha quanto pensava.

Aconteceu numa tarde dessas de verão. Cléo estava lendo um livro e comendo um

lanche quando sentiu a árvore se mexer. Migalhas de pão caíram no chão e ela viu que alguém tinha roubado seu sanduíche. Olhando para a copa da árvore, ela protestou:

—Ei, você roubou meu lanche!

Lá de cima, respondeu uma voz fininha, meio chorosa, como se fosse a de um menino:

-Me desculpa? Eu estava com fome...

Cléo se aproximou devagarinho, para tentar enxergar melhor. E viu, no meio da folhagem, uma criatura enorme e peluda. Lembrava um bicho-preguiça gigante. E sua aparência era assustadora.

—Meu nome é Pingo—ele disse. – Você é uma cuca?

Cléo não respondeu. Saiu correndo, morta de medo. “Mas a pergunta não saiu mais de sua cabeça: será que eu sou uma cuca?” ela pensou. “Mas o que é uma cuca?!”

Ao chegar em casa, ela tentou descobrir:

-Mãe, o que é uma cuca?

-é uma bruxa que rouba criancinhas a mãe respondeu.

Naquela noite. Cléo não dormiu

No dia seguinte, Cléo decidiu voltar ao parque.

Estava com medo, mas também muito curiosa. Queria saber mais sobre as cucas e bruxas. E só aquela estranha criatura poderia lhe dizer.

Ela chegou com um sanduíche para Pingo. Ao oferecer-lhe o lanche, um braço longo e peludo saiu do meio das folhas, agarrou a menina e puxou-a até um galho. Ali, Cléo pode ver Pingo de perto, pela primeira vez. Era monstruoso, mas, curiosamente, não metia medo. Pelo contrário: parecia tão triste que até dava pena. Começaram a conversar. Cléo fez muitas perguntas, mas Pingo não sabia muita coisa sobre cucas. Disse que havia conhecido algumas, mas nenhuma lhe parecia tão má a ponto de roubar criancinhas. A certa altura da conversa, a menina tomou coragem e perguntou: - E você, o que é?

—Eu sou um Mapinguari—respondeu Pingo. – Vivo na floresta com minha família. Nosso trabalho é proteger a mata contra os caçadores.

-Que bacana! – Disse Cléo. – Mas, se você é da floresta, o que está fazendo na cidade?

—Fui pescar no rio e me perdi. Acabei vindo parar neste parque, e aqui eu me escondi. Agora quero voltar para a minha casa, mas eu não sei como...

—É só pegar o caminho por onde você veio, seu bobo!

—Eu tenho medo dos monstros ...

-Que monstros?!

—Esses de latas, que correm pela rua soltando fumaça preta.

Cléo achou graça e quis rir, mas percebeu que Pingo estava realmente assustado com os carros. Então, falou:

-Pois eu vou te ajudar a voltar para a floresta!

Pela primeira vez, ela viu pingo sorri

Cléo e o mapinguari tornaram-se amigos.

Todas as tardes, ela ia se encontrar com Pingo e, juntos, tentam bolar um plano para que ele voltasse para a floresta.

Certo dia, a caminho do parque, Cléo viu na rua um menino que conhecia da escola.

Chamava-se Tom e vestia um gorro de lã, apesar do calor e do sol forte. Andava de um jeito esquisito, também. E parecia preocupado.

Cléo foi falar com ele, mas o menino saiu correndo, todo desengonçado. Enquanto corria, seus pés se viravam para frente e para trás. A menina também viu o gorro de Tom cair durante a fuga, revelando uma cabeleira de um vermelho tão vivo que nem parecia ser de gente. Quando ela contou a Pingo o que vira, ele disse:

—É um curupira! Que engraçado: esta sua cidade tem criaturas parecidas com as do lugar de onde eu venho! Cléo e o mapinguari tornaram-se amigos. Todas as tardes, ela ia se encontrar com Pingo e, juntos, tentavam bolar um plano para que ele voltasse para a floresta.

Certo dia, a caminho do parque, Cléo viu na rua um menino que conhecia da escola. Chamava-se Tom e vestia um gorro de lã, apesar do calor e do sol forte. Andava de um jeito esquisito, também. E parecia preocupado.

Cléo foi lá falar com ele, mas o menino saiu correndo, todo desengonçado. Enquanto corria, seus pés se viram para frente e para trás. A menina também viu o gorro de Tom cair durante a fuga, revelando uma cabeleira de um vermelho tão vivo que nem parecia ser de gente. Quando ela contou a Pingo o que vira, ele disse:

-É um curupira! Que engraçado: esta sua cidade tem criaturas parecidas com as do lugar de onde eu venho!

No dia seguinte, Cléo encontrou Tom novamente, mas dessa vez não o deixou escapar. Prendeu as pernas do menino com seu rabo de jacaré e o levou até Pingo. O menino, ao ver o rabo de sua colega, percebeu que ambos tinham algo em comum. Coisas estranhas estavam acontecendo com eles, e Tom também queria saber a razão disso tudo.

-Vou te apresentar um amigo – disse Cléo.

Mal chegaram ao parque, Pingo apareceu de supetão, pendurado num galho.

-Esse é o seu amigo curupira, Cléo? – Perguntou o mapinguari. Tom deu um pulo e foi para trás de Cléo, tiritando de medo. Pingo soltou uma gargalhada.

-Esse é o curupira mais assustador que eu já vi!

Tom não gostou muito da ideia de ter virado um curupira, mas viu que seus dois novos amigos não ligavam para isso. Pelo contrário: os três sentiam-se estranhamentos conectados. Diferentes do resto do mundo, mas iguais entre si. Pingo contou a Tom e a Cléo que criaturas como o curupira e a cuca são comuns na mata onde ele vive. Existem outras também, como a caipora, o saci e o boitatá. Esses seres são chamados de encantados e têm todos o mesmo dever: proteger a floresta contra os humanos que querem lhe fazer algum mal, como derrubar as árvores ou matar os animais.

-As pessoa contam histórias horríveis desses encantados! – Disse Tom.

-Nossa tarefa é assustar – respondendo o mapinguari. – Aí os humanos voltam para a cidade, mortos de medo, inventando histórias sobre a gente! A verdade é que ninguém nunca nos viu, porque nós usamos a mata para nos esconder. Cléo e Tom, de repente, acharam-se importantes. E passaram a tarde toda brincando com seu novo amigo. Fazia tempo que não se sentiam tão felizes. As crianças só não conseguiam entender por que justamente elas, que eram da cidade, haviam virado seres encantados. Pingo também não soube explicar, mas disse que poderiam encontrar respostas na mata. Os três se olharam como se tivesse pensado a mesma coisa. E pensaram mesmo: estava na hora de ir para a floresta.

Pingo abriu um sorriso enorme. Estavam voltando para a casa. Mas como vamos fazer para atravessar a cidade como um monstrengo desses? – Perguntou Tom.

Pingo ficou magoado. Não gostou de ser chamado de “monstrengo”. Tom pediu desculpas e lhe deu um abraço.

Cléo, então, teve a ideia:

-Acho que as roupas do meu avô cabem nele!

Pingo ficou um pouco incomodado com a ideia de vestir bobas de humano, mas topava qualquer coisa para voltar à floresta. No dia seguinte, Cléo apareceu com as roupas. Pingo ficou bem engraçado mesmo, mas enganava bem. Parecia um humano grandalhão, só que um pouquinho mais peludo que o normal...

Na mochila, as crianças puseram cantil, mapa, bússola, lanterna e tudo o mais de que iriam precisar para a jornada rumo à floresta. Era a primeira grande aventura de suas vidas. Numa manhã de sábado, partiram.

A floresta ficava perto da cidade, mas não era muito fácil de chegar. Primeiro tinham que pegar um ônibus, depois embarcar num velho trem e, então, caminhar um bom trecho numa pequena estrada de terra.

Pingo odiou a ideia de subir no ônibus. Tinha um medo danado daquela criatura de lata, enorme e barulhenta. Cléo terminou por convencê-lo, argumentando que essa era a única maneira de voltar para casa.

No fim, sabe que ele até gostou? Botou a cabeça para fora da escotilha e passou a viagem toda lá, tomando vento no rosto e admirando as maravilhas da cidade, tão diferente das coisas que ele conhecia na mata.

Chegaram depois de algumas horas. Era uma floresta muito verde e bonita, com árvores imensas, maiores até do que as que existiam no parque.

Pingo estava feliz, mas parecia apreensivo.

—Onde eles estão? – Disse: Pingo, procurando com os olhos. Enquanto isso no alto de uma árvore, uma criatura soltou de um galho. Era um saci e havia acabado de acordar com o rumor dos visitantes.

Nenhum dos três o viu. E o saci também nada disse. Saiu pulando rápido pela mata como se estivesse com pressa.

Não muito longe onde estavam os três aventureiros o saci encontrou outros mapinguari. Era também muito grande e peludo, mas tinha o dobro do tamanho de Pingo.

O saci, então, contou ao mapinguari grandão que tinha visto e a criatura disse:

-Me leve até lá.

-É pra já! – respondeu o saci.

E foram. Por onde o grande mapinguari passava, a floresta inteira tremia.

Pouco tempo depois, o gigante surgiu diante dos três.

-Papaaaaai!

O grande mapinguari era mais assustador que Pingo, mas o abraço que ele deu no filho era tão carinhoso que não havia como sentir medo dele.

—Procurei você por toda a parte, meu filho.

Cléo e Tom, então, souberam que: Pingo era uma criança também. Uma criança mapinguari.

Em seguida, a criatura voltou-se para os novos amigos de Pingo e disse, com sua voz trovejante:

-Obrigada por trazer meu filho de volta. Há algo que eu possa fazer por vocês

-Bem... Sabe o que é, Seu Mapinguari? Nós gostaríamos de saber por que viramos encantados... – disse Cléo, um pouco envergonhada.

O saci soltou uma gargalhada e nem esperou o gigante falar:

—É que você é uma menina de sorte, sua boba!

O grande mapinguari, então explicou que, antigamente, algumas criaturas tinham o costume de abandonar a floresta e se mudar para a cidade. Ali, casavam-se com humanos e transformavam-se em gente.

-Mas o sangue da floresta continua correndo entre descendentes emendou o saci. Às vezes, acontece de alguém nascer meio gente, meio encantado... Cléo e Tom sentiram-se especiais. E, a partir daquele dia, assumiram uma missão: espalhar entre os humanos a importância de proteger a floresta e tudo que nela existe.

Por fim, o grande mapinguari disse:

—Agora é hora de voltar para casa. Logo vai escurecer e os pais de vocês podem ficar preocupados.

O gigante ofereceu-se para levá-los. Botou as crianças nos ombros e saiu, acompanhado de Pingo e do saci, em direção à cidade, protegido pelo lusco-fusco do entardecer.

No caminho, o saci deu de presente a Cléo um livro de feitiços. Disse que, com ele, aprenderia a fazer muitas coisas bacanas, e uma delas era esconder seu rabo de jacaré sempre que tivesse vontade. A Tom, recomendou que praticasse bastante, porque um curupira de verdade pode fazer o que quiser com os pés.

Já era noitinha quando chegaram em casa de Tom. Pingo pegou o menino nos braços e o levou até seu quarto, pela janela. Despediu-se dele, dizendo:

—Curupiras são criaturas muito engraçadas. E você vai gostar demais de ser um curupira!

Todos ficaram muito emocionados com a despedida.

Depois, foram levar Cléo para casa.

—Quero ser seu amigo sempre! – disse o mapinguari.

-E será! - respondeu Cléo. – Qualquer dia vou te visitar na floresta, tá?

Pingo sorriu, meio tristonho. Sentiria saudades de sua nova amiga, mas sabia que o lugar dela era na cidade, e o seu, na floresta.

Cléo tentou animá-lo:

—Vou ser uma cuca das boas, você verá!

-Pingo teve orgulho de sua amiga. Deu-lhe um último abraço e disse:

-Sabe de uma coisa? Para mim, você fica ainda mais bonita com um rabo de jacaré. No dia seguinte, Cléo já não tinha mais vergonha do seu rabo, nem Tom da sua cabeleira vermelha e dos seus pés virados.

Ao acordar, os dois tomaram coragem e contaram aos pais o que havia acontecido. Os pais ficaram um pouco bravos com a escapar dá na floresta, mas depois encheram-se de orgulho dos filhos. Para eles, essa história de encantados não era nenhuma novidade.

A mãe de Tom até se lembrou de um bisavô dela, meio gente, meio curupira, que era famoso na cidade uns cem anos atrás.

Cléo e Tom entenderam o recado: tem gente que nasce diferente, e não há nada de errado nisso. Pelo contrário.

Na segunda-feira, foram à escola pela primeira vez sem disfarces. E sabe o que aconteceu? A criançada ficou eufórica!

—Legal! Eu sempre quis ter uma cuca como amiga – disse uma menina.

—Ei, Tom, mostra pra gente o que você sabe fazer com os pés!

– Pediu um menino.

Então, quando a música invadiu os alto-falantes do pátio, Tom pô a dançar de um jeito estranho e divertido, retorcendo o corpo e revirando os pés. A criançada logo juntou-se em volta. Todos riam, aplaudiam e dançava também. Alguns até tentavam imitar os passos do menino curupira.

Escondido atrás de uma árvore, o saci assistia a tudo, feliz.

—Esses curupiras são mesmo muito engraçados ... – pensou.

E saiu pulando, na direção da floresta
--

Fonte: Cléo e o mapinguari/Ribas, Saulo e Bartaburu, Xavier 2013. p.48

Figura: 10

(D) Mapinguari/ Ranchel de Queiroz

Mapinguari

Noite de Lua, no terreiro, os homens procuram se esquecer do assunto eterno que é a falta da chuva e recordam histórias do Amazonas.

Recordam é modo de dizer: desses todos que estão aí nenhum foi do tempo em se ia para o Amazonas, e o que sabem ouviram de pais e avós. Contam os casos clássicos de boto e curupira, e hoje saiu em cena um bicho pouco falado, o mapinguari.

Bicho não que o mapinguari tem a figura de um caboclo gigante, três metros de altura, pés espalhados e braços enormes. Anda nu, o corpo azeitão e pelado é liso, sem o menor arranhão de mato. Cabelo só tem na cabeça, curto e ruivo, deixando à vista as orelhas pontudas.

Mapinguari só come carne3 viva. O gosto dele é morder na carne quente e sentir o sangue esguichar. Come guariba outros macacos que apanham nas árvores, com muita fome,é capaz de se agachar à beira d'água tentando pegar algum peixe de couro; de escama não gosta. Mas a comida predileta do mapinguari é mesmo gente e, só quando lhe falta carne de homem, come bichos. Quando caça, imita pio de pássaro e voz humana ; mas só sabe dar uma fala fininha, esquisita, que mal engana à distância.

Pois um dia saíram para o mato dois seringueiros, e um deles se chamava Luís. Pouco além se separaram, tomando cada um a sua estrada de trabalho. Mas não estavam afastados, tanto que um ouvia a machadinha do outro a abrir o corte do leite na serigueira. Passou-se um tempo, o que não se chamava Luís reparou que já não escutava a batida do companheiro. Prestou atenção - nada. Por um momento teve a impressão de que ouvia a pisada de bicho grande quebrando o mato , mas devagar, cuidadoso. Teve medo e gritou:“Luís!”

E como se viesse de longe, uma vozinha fina respondeu:”Luíííís!

Ai, por que tão fina a voz de Luís? E porque dizia Luís em resposta, se ele que chamara não se chamava Luís? Assustado, insistiu:“Luís!” E de novo o gritinho, como um eco:“Luís!” Luíííís!”

O caboclo aí compreendeu que era o mapinguari imitando a sua voz. Não quis saber mais de nada e, morrendo de medo, meteu-se pelo mato, trepou numa árvore alta e se escondeu entre os galhos.

Foi um tempo. Porque la vinha o mapinguari pela vereda, vagaroso, olhando de um lado para o outro, caçando. Caçando a ele! Debaixo do braço o bruto trazia o pobre do Luís e de vez em quando, baixava a boca sobre o desgraçado e lhe arrancava uma dentada, um naco da cara, a orelha, uma lasca do peito. Mas entre um mastigo e outro o mapinguari continuava a caçada – parava, escutava e soltava o seu gritinho: Luíííís!”

Afinal desistiu, deu nova dentada no Luís, que ainda estrebuchava, e se afundou na mata. O outro esperou muitas horas, encolhido lá em cima, ate o sol do meio- dia ficar bem auto;

então escorregou da árvore e saiu correndo em procura de casa.

[Ceará,21.6.72]

Fonte: Rachel de QUEIROZ. **Mapinguari**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 [1972].